



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS III – BACABAL
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS SOUSA

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL DE UM MIGRANTE NORDESTINO: Narrativa de
vida e experiências de um trabalhador camponês no Médio Mearim maranhense

**BACABAL – MA
2021**

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS SOUSA

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL DE UM MIGRANTE NORDESTINO: Narrativa de vida e experiências de um trabalhador camponês no Médio Mearim maranhense

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, Campus III Bacabal – Ma.

Orientador: Professor Dr. Wheriston Silva Neris.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos Sousa, Ângela Maria dos.

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL DE UM MIGRANTE NORDESTINO :
Narrativa de vida e experiências de um trabalhador
camponês no Médio Mearim maranhense / Ângela Maria dos
Santos Sousa. - 2021.

61 f.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA -
BACABAL CAMPUS III, 2021.

1. Identidade. 2. Migrante Nordeste. 3. Narrativa
de vida. I. Neris, Wheriston Silva. II. Título.

ÂNGELA MARIA DOS SANTOS SOUSA

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL DE UM MIGRANTE NORDESTINO: Narrativa de vida e experiências de um trabalhador camponês no Médio Mearim maranhense

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, Campus III Bacabal-MA.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Profa. Dra. Cealia Cristine dos Santos

Profa. Ma. Aldina da Silva Melo

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos primeiramente a Deus que me concedeu a graça de poder iniciar e concluir essa graduação.

Agradeço aos meus pais Gonçalo Gomes de Sousa e Maria de Jesus Pinheiro dos Santos que sempre estiveram comigo me ajudando naquilo que estava no alcance deles, sempre lutando para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar e alcançar um futuro fora do trabalho braçal que como diziam eles: “a gente está fazendo o possível e o impossível pra vocês estudar”. A minha irmã Enir Maria dos Santos Sousa e ao seu esposo Arnaldo pelos dias que pude ficar na sua casa em São Mateus fazendo as leituras e pesquisas para o cumprimento desse trabalho. A meu irmão Francisco de Assis dos Santos Sousa pela sua compreensão e ajuda nos dias que eu tinha que me deslocar de casa á Bacabal.

A Odenilson dos Santos Carvalho que sempre esteve ao meu lado desde o início de minha graduação sempre me motivando a dar sequência e conclusão a este curso. Ao meu tio Ribamar Pinheiro que também me ajudou durante um tempo na cidade de Bacabal.

A Antônia Leite pelos meses que passei morando em sua casa.

A Lainny Gonçalves Rodrigues e a sua avó Dona Cândida pela hospitalidade, carinho e paciência que tiveram para comigo durante o tempo que estive morando com elas, mesmo passando por muitas dificuldades sempre foram pessoas muito amáveis.

Aos meus amigos Josiene Araújo Silva e seu esposo Genésio Neto. Josiene durante toda essa trajetória sempre foi companheira, amiga acolhedora e sempre me ajudou enquanto estávamos estudando, muitos foram os dias de luta, de estudos juntas desde nossos estágios até este Trabalho de Conclusão de Curso.

A Milene Cristine Diniz Carvalho, companheira de luta. A Sávio Nascimento Lago, Eliúde dos Santos Alves, Maria Alcione dos Santos Gonçalves e Ana Cristina Santos Sousa pelas muitas caronas que me deram durante esse curso até a universidade. A Gabriely Nascimento Silva e Mariana Sousa Leite pelo carinho e hospitalidade.

Ao ex tutor do Projeto de Extensão Pet Ciências Naturais, professor Meubles Borges Júnior que também teve um papel importante na minha vida enquanto estive como bolsista no Pet. A minha amiga Raiza Nascimento Silva pela hospitalidade, acolhimento e orações.

Ao meu orientador professor Wheriston Silva Neris pela direção e orientação deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos os que fizeram parte de minha jornada durante este curso.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a narrativa de vida, as lembranças e experiências de um migrante nordestino tendo como recorte empírico uma unidade histórica social representada pelo Médio Mearim Maranhense ao longo da segunda metade do século XX. Trata-se, pois, de um estudo de caso no qual aborda a experiência de vida de um migrante e trabalhador camponês no espaço em pauta, com o intuito de conhecer e compreender sua trajetória de vida como trabalhador e migrante pertencente à região Nordeste do Brasil. Inscrita em um conjunto mais vasto de investigações que têm explorado as experiências migratórias por meio das narrativas, biografias e autobiografias de indivíduos específicos, esta pesquisa adota como principal estratégia metodológica uma abordagem de cunho qualitativo baseada no método da história oral. Assim, ao optarmos por um recorte centrado sobre um migrante nordestino, procuramos adotar então um ângulo a partir do qual fosse possível explorar a dialética espaço-temporal, biográfica e contextual que perpassa sua narrativa de vida, e por meio da qual podemos não só dar voz e aprender sobre as lembranças de um indivíduo em particular, como também explorar a própria memória e identidade do grupo ao qual pertence.

Palavras-Chave: Migrante nordestino; Narrativa de vida; Identidade.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the life narrative, the memories and experiences of a northeastern migrant having as empirical cutout a social historical unit represented by Médio Mearim Maranhense throughout the second half of the twentieth century. It is, therefore, a case study in which the life experience of a migrant and peasant worker in the space in question is approached, with the purpose of knowing and understanding his life trajectory as a worker and migrant belonging to the Brazilian Northeastern region. Part of a larger set of investigations that have explored the migratory experiences through narratives, biographies, and autobiographies of specific individuals, this research adopts as main methodological strategy a qualitative approach based on the oral history method. Thus, by choosing to focus on a Northeastern migrant, we sought to adopt an angle from which it would be possible to explore the space-time, biographical and contextual dialectics that permeate his life narrative, and through which we can not only give voice to and learn about the memories of a particular individual, but also explore the memory and identity of the group to which he belongs.

Key-Words: Northeastern Migrant; Narrative of Life; Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
2. OUVINDO HISTÓRIAS: PROCESSO MIGRATÓRIO, FONTES ORAIS E HISTÓRIAS DE VIDA	13
2.1. Considerações sobre o processo migratório interno no Brasil	13
2.2. A História Oral como metodologia de pesquisa	16
2.3. Biografias e autobiografias nos estudos de migração	19
2.4. Histórias de vida em relatos orais	21
2.5. A questão da memória em narrativas de histórias de vida	22
CAPÍTULO II	24
3. FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA, FLUXOS MIGRATÓRIOS E QUESTÕES AGRÁRIAS DO MARANHÃO	24
3.1. Estado maranhense: ocupação territorial e formação socioeconômica	24
3.2. O fluxo migratório nordestino durante a formação socioeconômica do Médio Mearim	27
3.3. Questões agrárias no território maranhense: Breves considerações sobre os camponeses	33
CAPÍTULO III	37
4. NARRATIVAS DE VIDA E (RE)CONSTRUÇÃO DE SI: LEMBRANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE GONÇALO GOMES DE SOUSA NO MÉDIO MEARIM MARANHENSE	37
4.1. Explorando uma trajetória: Quem é? De onde vem? Onde mora?	38
4.2. A longa viagem: da saída do Ceará até chegar ao Estado do Maranhão	39
4.3. O estabelecimento em Laginho dos Brancos	46
4.4. A vinda ao povoado Igarapé de Pedra	49
4.5. Representação de identidade na vida do migrante analisado	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

1. INTRODUÇÃO

A população brasileira é marcada por experiências migratórias, isso não vem ocorrendo somente a partir da contemporaneidade, mas é um processo que vem sendo vivenciado pelos indivíduos desde os séculos passados. Diversos são os meios pelos quais ocorrem os deslocamentos sociais entre os indivíduos. Muitos desses deslocamentos ocorrem por falta de um ambiente adequado para viver, assim, pessoas recorrem a outros espaços em busca de uma vida com mais qualidade, outros são forçados a sair de seus lugares de origem seja pelos acontecimentos naturais, políticos ou conflitos entre grupos sociais, muitos, também migram pelo simples fato de querer conhecer o mundo. Desse modo, muitos sujeitos sociais tanto da cidade como do campo encontram na migração a forma de manter sua sobrevivência. Diante das diversas causas que podem levar aos acontecimentos migratórios entre os indivíduos, este trabalho, dentro do contexto migratório, tem como objetivo o deslocamento gerado pelas condições climáticas espaciais e pelas desigualdades econômicas sociais.

Com efeito, o objetivo principal deste trabalho é analisar a narrativa de vida, as lembranças e experiências de um migrante nordestino tendo como recorte empírico uma unidade histórica social representada pelo Médio Mearim Maranhense ao longo da segunda metade do século XX. Trata-se aqui de um estudo de caso centrado sobre a experiência de vida de um migrante e trabalhador camponês no espaço em pauta, com o intuito de conhecer e compreender sua trajetória de vida como trabalhador e migrante pertencente à região Nordeste do Brasil.

Metodologicamente, optamos pelo recurso à história oral para analisar a trajetória de vida desse migrante no intuito de compreender situações vivenciadas por ele ao longo de sua vida na pessoa de um migrante, nordestino e trabalhador camponês. De acordo com Verena Alberti (2005, p. 155) a História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. Assim, com o intuito de compreender a trajetória de vida desse migrante camponês a história oral nos coube como fonte para a coleta de informações sobre os acontecimentos populacionais de uma época que é bem representada dentro da história maranhense. É época esta que se trata do processo migratório de trabalhadores que vieram de outros estados da região do Nordeste e se estabeleceram no Estado do Maranhão em busca de terras disponíveis para trabalhar.

Como recorte espacial para a construção deste trabalho, abordamos o território maranhense, com foco no Médio Mearim. Os marcos temporais são demarcados pela própria trajetória de chegada e estabelecimento do migrante analisado no contexto em pauta, grosso modo, correspondente à segunda metade do século XX. Partimos aqui do pressuposto de que as lembranças e relatos orais de um indivíduo poderiam favorecer a compreensão da dialética espaço-temporal, biográfica e contextual que perpassa sua narrativa de vida, e por meio da qual podemos não só dar voz e aprender sobre as lembranças de um indivíduo em particular, como também explorar a própria memória e identidade do grupo ao qual pertence.

As principais referências teóricas que embasaram este trabalho são: Norbet Elias (1995), Verena Alberti (2008), Sangalli (2018), Baeninger (2012), Elsa Lechener (2009), Freitas (2006), Michael Pollak (1992), Rosenthal (2014) Sodré (2017), Trovão (2008) Ferreira (2015), Bosi (1979). Além destes foram utilizadas outras referências que também foram importantes para a fundamentação de todo o trabalho.

A princípio, a minha intenção para a construção do meu trabalho monográfico era escrever sobre espaços periféricos na região de Bacabal, especificamente sobre o Bairro Trizidela. Após levantamento biográfico e início de leitura do material pesquisado fiz a leitura da tese de doutorado de Márcia Milena Galdez Ferreira (2015) – “*CONSTRUÇÃO DO ELDORANDO MARANHENSE: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em município do Médio Mearim-Ma (1930-1970)*”. Ao me deparar com as narrativas de migrantes descritas nesta tese, recordei-me de muitas vezes que desde criança eu ouvi meu pai contar acontecimentos sobre sua vida muitos parecidos com aqueles, termos como “seca”, “Ceará”, “fome” “jumento” “pobreza” “viagem”, “caminho”, “leite de coco” se sobressaíam em sua fala. Então entendi que ele fazia parte daquela história, ele era um dos muitos migrantes representados nesta tese. Foi a partir daí que tive o desejo de escrever este trabalho abordando sua trajetória de vida. Escrever sobre sua trajetória de vida é uma forma de oferecer visibilidade a sujeitos simples que muitas vezes são vistos como “esquecidos” dentro da história.

De acordo com Ferreira (2016), dentro da historiografia maranhense há ainda poucas abordagens sobre a chegada e fixação de nordestinos dentro da região do Médio Mearim, portanto, são experiências que precisam ser mais abordadas dentro da história local.

Outra leitura que merece ser destacada nesta genealogia do interesse pela pesquisa foi a leitura do instigante livro de Norbert Elias (1995): *Mozart: Sociologia de um Gênio*. No

livro, Elias conta a história de Wolfgang Amadeus Mozart o qual foi um artista do século XVIII que iniciou sua carreira como músico ainda muito cedo mediante incentivos do pai. Na sua infância, devido a sua alta capacidade de aprender a tocar os instrumentos e de compor músicas, Mozart destacou-se notavelmente na sociedade em que morava, a saber, Salzburgo. Assim Mozart se destacou, indo de corte em corte com seu pai e sua Irmã fazendo apresentações para a nobreza da época. Durante toda a sua infância Mozart foi bem recebido e aclamado se tornando muito conhecido. Mozart era um cidadão que vivia num período em que os padrões de comportamento social eram fortemente estabelecidos pela nobreza e aristocracia daquele período.

Segundo Norbert Elias, durante aquela época parte das pessoas que seguiam a carreira musical vinha de origens não-nobres. Tentando romper com as barreiras da estrutura social da época, Mozart lutou bravamente para alcançar a ascensão social como músico naquele período em que a classe social dos músicos não era bem reconhecida diante de uma luta de classe entre nobres e burgueses. E diante das pressões sociais que eram exercidas sobre os músicos naquela época, Mozart tentou romper com as barreiras da estrutura social de poder no intuito de alcançar sua ascensão social enquanto músico em meio a um sistema social que privilegiava os desejos e gostos da aristocracia. Norbert Elias descreve a vida social de Mozart e de sua família como típicos de grupos burgueses outsiders numa economia dominada pela aristocracia de corte, numa época em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao establishment cortesão. Como um burguês outsider a serviço da corte lutou encorajadamente para libertar-se dos aristocratas, seus patronos e senhores. Tudo em prol de sua dignidade pessoal e musical.

Com efeito, embora não se trate de uma pesquisa sobre o tema da migração, sendo essencial essa abordagem dentro da pesquisa em questão para a compreensão e estruturação da mesma, o que me chamou a atenção neste trabalho foi a possibilidade de realizar uma abordagem de um ator social concreto a partir de uma abordagem mais microscópica. Assim como Mozart lutou bravamente para alcançar sua posição de músico reconhecido numa sociedade marcada pela força da aristocracia, os indivíduos que migram de um lugar para o outro estão à procura de melhores condições de vida tentando romper com a pobreza, a discriminação social e demais necessidades pessoais e familiares na expectativa de alcançar um significado para suas vidas e se afirmar como um ser social que merece a dignidade de uma vida melhor.

Ante o exposto, a presente monografia encontra-se dividida em três capítulos interdependentes. O primeiro capítulo deste trabalho em sua estrutura contextual é fundamentado sobre os princípios do processo migratório interno no Brasil, abordando a metodologia em fontes orais e breves discussões sobre a construção de histórias de vida. O segundo capítulo assume um caráter mais histórico-social, na medida em que se trata de constituir um cenário a respeito das transformações ocorridas no campo maranhense. O terceiro capítulo, por seu turno, investiga a história de vida do migrante analisado.

CAPÍTULO 1

2. OUVINDO HISTÓRIAS: PROCESSO MIGRATÓRIO, FONTES ORAIS E HISTÓRIAS DE VIDA

O objetivo deste capítulo é duplo. Por um lado, trata-se de explorar parte do debate realizado no Brasil a respeito dos processos migratórios internos. Por outro, pretende-se discutir também sobre perspectivas metodológicas que presidiram a própria construção da perspectiva analítica adotada neste trabalho.

2.1. Considerações sobre o processo migratório interno no Brasil

Segundo Sangalli (2018, p.340) “o fenômeno migratório é compreendido nos termos de um movimento desempenhado, em sua dimensão biográfica, por um indivíduo que se desloca – física e socialmente – de um lugar para outro”. E conforme o estudo já realizado sobre os processos migratórios entende-se que o ato de migrar pode ser gerado por diversos motivos, dentre eles está presente o crescimento econômico em algumas regiões que atrai novos olhares, a pobreza que leva muitos indivíduos a se deslocarem a outros lugares na expectativa de uma vida melhor, as catástrofes, falta de oportunidades de trabalho, de educação, os conflitos ambientais, a própria migração espontânea, problemas políticos, dentre outros fatores, assim como ressalta Klein, Massuquetti e Spricigo abaixo:

Há migrantes que se deslocam de um país para outro, de uma cidade para outra, que permanecem por certo tempo ou passam a morar definitivamente em determinada região. Também há os que migram por razões externas, motivados, por exemplo, por guerras ou por vontade própria. (KLEIN; MASSUQUETTI; SPRICIGO, 2012, p. 608).

Assim, entende-se que esses são pontos que influenciam os indivíduos a saírem de seus lugares de origem a outros espaços na intenção de alcançar as melhores oportunidades de uma vida melhor nas diversas regiões do país ou fora dele. Desse modo, são diversas as razões que envolvem o processo migratório e diante disso, “No decorrer da história, podem-se observar tais fatos, e, no século XXI, o fenômeno das migrações permanece presente”. (KLEIN; MASSUQUETTI; SPRICIGO, 2012, p. 604).

Pereira e Filho (2011) pontuam algumas situações em que estão presentes as raízes do processo migratório no território brasileiro, que segundo ele são: a exclusão social que desde

o período colonial surge através da concentração de terras por uma camada da população enquanto a maioria vivia na exclusão e que esse modelo continuou ao passar dos anos. As relações de trabalho compulsório como única maneira de garantir as despesas familiares. A estiagem nas regiões semi-áridas também se apresenta como outro fator presente na raiz das migrações e por último eles apresentam a corrupção que é outro problema para o desenvolvimento do país.

Partindo dessa perspectiva, enquanto uma parcela da população tem muito a outra parcela tem pouco que não é suficiente para suprir os gastos pessoais, sustento familiar e boa educação para os filhos.

Segundo Baeninger (2012 p. 77-78):

Os movimentos migratórios internos no Brasil, dos últimos 60 anos, estão fortemente relacionados aos processos de urbanização e de redistribuição espacial da população, marcados pela intensa mobilidade populacional, e inseridos nas distintas etapas econômicas, sociais e políticas experimentadas pelo país ao longo desse período. (BAENINGER, 2012, p. 77-78).

Conforme apontado acima, outro fator que também promoveu os fluxos migratórios no Brasil está fortemente relacionado à questão das mudanças regionais causados pelos processos de urbanização que favoreceu a redistribuição da população durante as mudanças econômicas, sociais e políticas ocorridas ao longo dos últimos 60 anos. Assim no século XXI os processos migratórios a partir do novo contexto socioeconômico que foi sendo estabelecido foram marcados por áreas as quais receberam levas de pessoas para o trabalho, perda de populações em outras regiões e áreas em que ganharam mais movimentação do fluxo de pessoas.

Para Moura (2019, p. 19). “No Brasil possuímos um quadro marcado por diferentes ondas migratórias, causadas por fatores relacionados às questões sociais e econômicas dos Estados brasileiros.” Assim, o Brasil é um país o qual não está isento dos fluxos migratórios internos em seus territórios, já que existe no contexto brasileiro a má distribuição de riquezas e as políticas públicas nos diversos setores que ainda não são suficientes para atender a todos e que possam assegurar tanto o desenvolvimento econômico em algumas regiões como de melhoria de vidas para as pessoas como a habitação, empregos e educação, assim como ressalta Silva (2010, p. 156):

Identifica-se um consenso, tanto no campo acadêmico como entre políticos de todas as matizes ideológicas e partidárias, que a pobreza no Brasil decorre, em grande

parte, de um quadro de extrema desigualdade, marcado por profunda concentração de renda.

É nesse contexto de vencer as barreiras da estrutura social vigente fundamentada nas desigualdades sociais, numa economia onde nem todos conseguem alcançar a ascensão social desejada que muitos indivíduos vivenciam o processo de deslocamento interno nas regiões do Brasil como também para outros países. Conforme se destaca abaixo:

Com o processo migratório geral, os sujeitos sociais do campo, assim como das cidades vão encontrar na migração uma forma de manter a sua própria sobrevivência e sua reprodução social, perpassando todo o período da formação brasileira até os dias atuais. (SILVA, 2016, p. 254).

Nesse sentido, essas são algumas das questões que ainda motivam o processo de migração interna nas regiões do Brasil. Em virtude de tais fatos mencionados e da questão da pobreza é de importância que tal fenômeno seja analisado na intenção de conhecer mais profundamente, além destes fatos citados, outros fatores que motivam os indivíduos a migrarem de seus locais de origem para outras localidades.

Atualmente nota-se cada vez mais que o processo migratório continua se intensificando, pois existem regiões brasileiras em que as questões econômicas e sociais têm se tornado um dos principais causadores de repulsão de pessoas de seus territórios. Diante disso, à procura de novas e melhores possibilidades de vida muitos indivíduos estão sempre migrando de um lugar para outro. Conforme Silva (2010, p.161):

Os gastos sociais, mesmo se ampliando, precisam chegar melhor aos mais necessitados, e as políticas sociais carecem de maior articulação entre si e com a política macroeconômica de geração de emprego e de distribuição da renda socialmente produzida. (SILVA, 2010, p. 161).

Embora haja políticas públicas que dão amparo as populações, estas, ainda são muito mal distribuídas entre Estados, Municípios e entre indivíduos. Outra questão importante são os desequilíbrios ecológicos como no caso das regiões em que predominam as grandes secas e outras que há devastações causadas pelas chuvas, conflitos e necessidades alimentares como aponta Lechner & Demartini (2018, p. 7): “Vivemos no presente a era das migrações, caracterizada por deslocamentos maciços de migrantes econômicos e refugiados, escapando à miséria, conflitos armados, alterações climáticas, seca e seus impactos alimentares em várias zonas do globo”. Já Godinho (2011, p. 3) destaca que: “[...], devemos considerar que estamos em um país de extensão continental, com diferenças culturais e regionais, climáticas e geográficas que devem ser também considerados na elaboração das políticas de enfrentamento à pobreza”. É importante ressaltar que as instituições responsáveis pela elaboração das

políticas de enfrentamento a pobreza como os governos federais, municipais e estaduais deve-se levar em conta essas questões apontadas por Godinho (2011).

2.2. A História Oral como metodologia de pesquisa

Para Verena Alberti (2000, p. 1) a “história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”. O uso das fontes orais é um método pelo qual as Ciências Sociais vêm se utilizando como procedimento metodológico para a coleta de dados em pesquisas científica como ressalta Freitas (2006, p. 15) “No Brasil, há uma quantidade significativa de trabalhos que utilizam a História Oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental nas ciências humanas.”

Ainda segundo Freitas (2006, p. 27-28) “A primeira experiência da História Oral como uma atividade organizada é de 1948, quando o Professor Allan Nevis lançou o The Oral History Project, na Columbia University, em Nova Iorque”. Já conforme Pinsky et al. (2008) a História Oral chega ao Brasil em 1975 e que a partir de 1980 grupos de pesquisadores passaram a utilizar a fonte oral em diversos tipos e temas de pesquisa.

De acordo com Pinsky et al. (2008) por ser uma metodologia de pesquisa interdisciplinar a história oral pode ser usada nas diversas áreas do conhecimento. Assim, são diversas as áreas que tem se apropriado da história oral para o registro de experiências e desenvolvimento de pesquisas na intenção de compreender melhor as narrativas feitas pelo ponto de vista dos próprios sujeitos. Segundo Freitas (2006, p. 31) as instituições que se utilizam de fontes orais no Brasil são o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU e o Centro de Memória da Unicamp.

Conforme Pinsky et al. (2008, p. 155) a história oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. A história oral carrega algumas discussões em relação a veracidade dos testemunhos, isso ocorre porque a base da história oral é especificamente as memórias individuais dos atores sociais já que foca nas lembranças do passado vivenciado mediante o ato de recordação, ou seja, trata-se da subjetividade desses indivíduos. Assim, para os críticos da história oral, ao trabalhar com histórias narradas pelos

próprios sujeitos pode ser quer no momento da narração alguns fatos sejam omitidos ou distorcidos facilmente como aponta Alberti et al. (2000) a seguir:

No centro das críticas à história oral no início dos anos 60 estava a convicção de que a memória seria distorcida pela deterioração física, na velhice, pela nostalgia, pelos preconceitos pessoais tanto do entrevistador quanto do entrevistado - e pela influência das versões retrospectivas e coletivas do passado. (ALBERTI et al., 2000, p. 52).

Por isso a questão que suscita críticas a história oral é o fato da coleta de informações serem a partir daquilo que está subjetivo nos sujeitos. As lembranças carregam a percepção que os agentes têm em relação aos acontecimentos, além do mais os testemunhos pode conter narrativas fantasiosas como também carregadas de preconceitos pessoais sobre acontecimentos vividos diretamente ou indiretamente pelos atores sociais, por isso a desconfiança na veracidade dos fatos narrados como também aponta Freitas (2006, p.67) “A discussão acerca da natureza da memória leva-nos, inevitavelmente, a um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais: a questão da credibilidade”. Outro ponto contestado é sobre o processo de esquecimento, pois com o tempo a memória sofre deterioração. Além do mais há também o risco do envolvimento sentimental do pesquisador em relação ao biografado como deixa claro Motta (2000, p. 2) “Além disso, havia ainda o risco de o historiador se deixar envolver pelos “sentimentos” de seu biografado, o que lhe retiraria a capacidade crítica e o distanciamento indispensáveis ao ofício de pesquisador”. Por isso, diante desses pontos mencionados, alguns historiadores que trabalhavam com documentos textuais alimentavam certas desconfianças sobre a confiabilidade dos trabalhos com fontes orais ao se utilizar os testemunhos como recurso de coleta de informações sobre os acontecimentos do passado.

Em contrapartida as críticas feitas a respeito da confiabilidade da utilização de fontes orais, Alberti et al. (2000, p. 33) afirmam que:

Estamos persuadidos de que a história oral não está mais em suas primícias. Chegou já à primavera e é cada vez mais reconhecida e compreendida nos círculos acadêmicos mais tradicionais. Os que contestam a fonte oral travam combates ultrapassados. (ALBERTI et al., 2000, p. 33).

Conforme a citação acima, já se foi o tempo em que a história oral era compreendida como fonte falível. Atualmente ela vem sendo cada vez mais reconhecida até mesmo pelos grupos de historiadores mais tradicionais, isso decorre pelo fato da história oral se tornar uma metodologia interdisciplinar como aponta Pinsky et al. (2008, p. 164) “O fato de uma pesquisa de História oral ser interdisciplinar por excelência constitui, pois, mais um fator que favorece hoje sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais”. Desse modo, tanto

historiadores como Cientistas Sociais vêm utilizando o uso das fontes orais como procedimento metodológico para a coleta de dados em pesquisas científicas sendo que, quando não se tem registros inscritos de informações a respeito do assunto ao qual se pretende analisar, a oralidade é o meio viável pelo qual se pode colher as informações necessárias. Em se tratando do uso de fontes orais na visão de Freitas (2006) afirma que a história oral nos últimos tempos tem dado mais importância para a subjetividade do que para a objetividade e sobre a questão da credibilidade das fontes Brandão (2007) mostra que, em se tratando de fontes objetivas como no caso do questionário, não é garantido que o sujeito não fará uso dos recursos da memória, pois este, sobre o tema em questão, poderá responder segundo as representações que possui sobre o mundo podendo fazer uso da sua subjetividade.

Sob a mesma perspectiva Michael Pollak (1992, p. 8) também diz:

Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.

Não apenas sobre a fonte oral as críticas se devem ser aplicadas, mas também sobre qualquer tipo de fonte é fundamental o cuidado rigoroso sobre a confiabilidade das mesmas. Assim, para ele, não há diferença fundamental entre esses dois tipos de fonte. Segundo Pinsky et al. (2008, p. 155) “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. Conhecer histórias dentro da história significa investigar o micro dentro do macro e descobrir histórias de pessoas com detalhes que revelam traços e particularidades importantes sobre suas vidas enquanto agentes participantes da vida em sociedade e de acontecimentos que estão presentes na sociedade as quais pertenceram ou pertencem. Diante disso, podemos perceber que a História Oral possibilita ao pesquisador aproximação mais profunda as histórias de pessoas, seja individual ou em grupo, permitindo através dessa aproximação entre pesquisador e entrevistado, conhecer com mais clareza as motivações que envolvem as tomadas de decisões por parte dos atores sociais investigados em sociedade bem como suas representações de vida, pois Conforme Freitas (2006, p. 50) adiante menciona:

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 2006, p. 50).

Percebe-se acima que, de forma tradicional a história sempre esteve voltada a contar sobre os episódios que foram marcantes para a história da humanidade. Assim, a história oral privilegia as vozes dos esquecidos, das minorias que, como agentes históricos, tem um papel social relevante, por isso, também construtores da história. A história oral assume a importância de nos permite conhecer fatos sobre o cotidiano das pessoas, suas histórias de vida e sua relação com a sociedade e o meio onde estão inseridos, podemos conhecer a percepção que eles têm de sua própria vida e sobre quem são. A descoberta sobre a importância que tem para a sociedade, o caminho pelo qual tem seguido, ou seja, ser e estar no mundo.

Sobre o uso da História Oral como fonte de pesquisa, Alberti (2000, p. 2) declara o seguinte:

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros. Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêuticos. Há diversas correntes e modos de abordagem e possibilidades diferenciadas de objetos de estudo.

Dessa forma, ressalto novamente que a história oral vem sendo utilizada não somente nos espaços acadêmicos, mas também fora dele como um instrumento que possibilita o registro e compartilhamento de experiências e conhecimentos. A história oral possibilita ao pesquisador detalhes sobre as histórias narradas pelos próprios indivíduos, histórias comuns, desconhecidas, mas enriquecidas de perseverança e superação diante dos desafios que a vida e a sociedade impõem. O trabalho com fonte oral permite uma reinterpretação de tais acontecimentos, sejam eles do passado ou do presente. Fatos que podem ser analisados por diversos pontos de vistas, além do mais, os documentos produzidos através das fontes orais tornam-se fontes de conhecimentos a ser compartilhado à comunidade em geral já que cada pessoa carrega consigo uma bagagem histórica cheia de significados.

2.3. Biografias e autobiografias nos estudos de migração

O processo migratório é um tema considerado relevante para a comunidade de forma geral, pois trata a respeito do deslocamento dos próprios seres humanos. São deslocamentos que modificam a sociedade, trazem novos rumos e perspectivas para quem migra; novas questões a serem debatidas na sociedade como políticas, econômicas, culturais e de identidade dos indivíduos. Os estudos realizados sobre esse tema contribuem para compreendermos e

ampliarmos os conhecimentos sobre indivíduos que chegam de outros territórios como diz Lechner e Demartini (2018, p.16) abaixo:

A pesquisa (auto)biográfica, ao tomar como centralidade narrativas dos sujeitos sobre suas experiências singulares, busca revelar os modos próprios como vivem, narram e aprendem com suas histórias de vida-formação, articuladas aos contextos sociais, desvelando, em uma dialética espaço-temporal, movimentos constitutivos das identidades e fatos biográficos que são inerentes às experiências humanas.

Como já mencionado anteriormente, são pessoas que chegam ou chegaram tentando superar os problemas e dificuldades vivenciados em seus territórios de origem na intenção de alcançar nesses novos espaços estabilidade econômica, uns almejando o retorno outros não. Por ser um tema que aborda a respeito de questões complexas no que dizem respeito aos fatores que motivam os deslocamentos dos sujeitos, muitos pesquisadores procuram, através da realização de pesquisas, conhecerem os motivos desses deslocamentos.

Para Teixeira, Braga e Baeninger (2012) o processo migratório, ao longo de seu processo histórico, tem se tornado relevante ganhando destaque na contemporaneidade ao despertar estudos tanto de interesse locais, regionais e internacionais, já que muitas redes de pesquisas têm se dedicado ao tema. Diante disso, os diálogos acadêmicos que vem sendo produzidos contribuem para uma reflexão que permite uma aproximação de muitos migrantes que podem estar presentes ao nosso redor. Outro ponto importante sobre essa questão é destacado também por Lechner e Demartini (2018, p. 15) que diz “[...], reconhecemos a pesquisa biográfica e autobiográfica no estudo das migrações como uma oportunidade por excelência de praticar ideais de igualdade e de justiça social no trabalho acadêmico”.

Já Elsa Lechner (2009) faz uma abordagem sobre os impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes apresentando os efeitos formadores, transformadores e emancipatórios dessas práticas de biografização a partir do relato de experiências de migração desses indivíduos. Além do mais, tais narrativas apresentam o caráter emancipatório ao produzir à população migratória valorização dos seus testemunhos e experiências desses agentes sociais, já que frequentemente são anuladas pelos estereótipos e estigmatizações sociais. Ainda segundo ela, a biografização junto a esses indivíduos cria novas formas de alteridade, resiliência, criação de novos universos de pertença e reconhecimento necessário para tornarem-se cidadãos no lugar de migração. Também destaca ainda que as biografias de vidas de migrantes contêm um peso político, pois os relatos de migração refletem, interpretam e constituem suas realidades sociais e do mundo social que merece um olhar dos analistas sociais e instâncias públicas. São experiências silenciadas e guardadas na solidão, por isso na

possibilidade de contar suas histórias perante ouvinte atento e interessado encontram uma possibilidade de libertação, pois ao contar suas vidas esses indivíduos contam suas histórias e a partir delas pode organizar o presente e planejar o futuro despindo-se dos estereótipos de exclusão e opressões sociais.

2.4. Histórias de vida em relatos orais

As biografias de vida nos permitem a possibilidade de poder contar a respeito da vida de alguém, sobre acontecimentos que foram importantes e marcantes para eles bem como para a sociedade ou grupo aos quais pertencem. Uma das formas de recordar sobre o vivido é através das narrativas de história de vida. Ao rememorar, o sujeito relembra fatos que já vivenciou em determinados tempos e que foram importantes na sua vida ou que se tornaram históricos para a sociedade. Diante disso, Pinsky et al (2008) ressalta no trecho abaixo:

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu. Mas, de forma não tão evidente, a biografia tem sido considerada uma fonte de conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes. (PINSKY et al., 2008, p. 215).

Desse modo, a reconstrução de histórias de vida através dos relatos orais nos proporciona a finalidade de conhecer, aprender e compreender o passado histórico e a vida individual através das experiências pessoais dos indivíduos. Experiências vivenciadas pelos próprios sujeitos em diferentes contextos sociais selecionando os fatos mais significativos dessas trajetórias. Toda história tem seu valor, por isso ela tem uma importância fundamental para quem a narra já que segundo Brandão (2007, p. 1), “De certa forma, uma história de vida é sempre individual e única – a história de um indivíduo particular contada a partir da sua perspectiva e à luz da sua experiência”.

Outro ponto a ser destacado sobre o trabalho biográfico com histórias de vida é que as memórias são experiências pessoais, sociais e coletivas que revelam muito sobre o grupo e sobre a cultura dos quais são pertencentes como aponta Valença e Reis (2015, p. 270) a seguir:

[...], a pessoa idosa, ao narrar suas lembranças sobre os lugares, os fatos, as experiências, a história da sua vida e dos fatos históricos, não está apenas construindo suas memórias particulares, mas a memória coletiva do grupo ou grupos sociais onde está inserida. (VALENÇA; REIS, 2015, p.270).

Nota-se que são experiências que podem dizer muito sobre as comunidades de forma coletiva, ao narrarem suas histórias descrevem fatos que envolvem não apenas a vida dessas pessoas em si, mas também sobre fatos que envolvem todo o espaço onde estão inseridas. Outro ponto importante é que através dos registros dessas experiências de vida, nos apropriamos de um saber sobre nós mesmos e sobre nossa história em comunidade já que quem narra transmite as visões que tem sobre si e sobre a realidade vivenciada por ele.

Conforme Brandão (2007, p. 2) coloca abaixo:

De uma certa maneira, contar a própria história é uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um re-experimentar os sentimentos e as emoções que lhes estão associados. [...], ela não é nunca um relato desinteressado, pelo contrário, é um relato dotado de uma afectividade particular justamente porque é através dele que o actor se reconta e se reafirma como entidade distinta das demais.

Quantos de nós já não ouvimos por parte dos mais velhos: “no meu tempo não era assim”. Por isso nos sentimos impulsionados a conhecer mais sobre o tempo passado através das narrativas de tais pessoas. Essa expressão vem carregada de uma mudança de hábitos e valores sociais, culturais e econômicos que se distinguem muito do tempo presente e isso nos leva a aprender sobre as mudanças ocorridas na sociedade. São histórias que nos fascinam e que nos levam a obter um rico conhecimento a respeito das pessoas e de suas trajetórias, além do mais muito pode nos revelar sobre os acontecimentos do passado aqueles que já o vivenciaram.

2.5. A questão da memória em narrativas de histórias de vida

É na memória que o sujeito guarda suas lembranças através das capacidades psíquicas e cerebrais, assim a memória é a caixa principal onde ficam armazenados as situações boas e ruins, momentos, tempos e acontecimentos que são importantes na vida de todas as pessoas. A memória é também marca histórica da construção de identidade dos indivíduos, pois ela é um instrumento de reconhecimento do ser no tempo e no espaço. Michael Pollak (1992) trata a respeito dos elementos constituintes da memória em pesquisas realizadas através da história oral, o qual os descreve da seguinte maneira:

- Acontecimentos que diz respeito a tudo o que a pessoa já viveu.
- Acontecimentos que envolvem a coletividade, ou seja, os acontecimentos do grupo que a pessoa se sente participante.

- Constituição da memória por pessoas, personagens. Neste caso diz respeito a personagens encontradas ao longo da vida e personagens que não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa.
- Lugares da memória em que ficaram armazenados fatos pessoais que foram marcantes na vida da pessoa independente da época em que o fato se deu, são aqueles lugares particulares marcados por uma forte lembrança.

Diante disso, sobre a questão da reconstrução de histórias de vida a partir de fontes orais deve-se levar em conta o que Rosenthal (2014) diz a respeito deste assunto. Segundo Rosenthal (2014), no presente da narração as pessoas se apresentam com uma história de vida, mas até que ponto essa história contada pode se aproximar com a sua vivência do passado? A autora chama a atenção para o enfoque dos níveis fundamentais na pesquisa biográfica, o da história de vida narrada e o da vivenciada. Quando se trata de fontes biográficas deve-se levar em conta que essas fontes tratam sobre acontecimentos que já passaram, discorrem a respeito de situações que os mesmos já vivenciaram ou que ouviram de outras pessoas envolvidas nessas situações. Segundo a autora, tais lembranças não se tratam, no momento da narração, de lembranças armazenadas e bem fixadas na memória. Cada vez que o sujeito narra um acontecimento as lembranças sofrem modificações, é o mesmo acontecimento, mas que não será contada como da última vez em que foi narrado. Deve-se estar atento ao presente da narração, pois as pessoas podem contar uma história a respeito delas, mas essa narração pode ser mudada mediante os acontecimentos vivenciados no tempo presente. Por isso, segundo ela, há a necessidade de uma análise e procedimento metodológico controlado diante dessas perspectivas entre o que se vivencia e o que se narra assim como afirma a seguir:

As narrativas de experiências feitas pela própria pessoa remetem tanto à vida atual com esse passado quanto à experiência ocorrida no passado. [...] E, assim, narrativas biográficas informam tanto sobre o presente do(s) narrador(es) quanto sobre seu passado e sua perspectiva em relação ao futuro. (ROSENTHAL, 2014. p. 247).

Então, deve-se ter o cuidado por parte do pesquisador no momento da coleta de informações, pois as narrativas feitas refletem sobre as perspectivas que essas pessoas têm a respeito do seu passado vivenciado, informações sobre as percepções que elas têm no presente sobre si mesmo como também revelam sobre suas visões em relação ao futuro, por isso, deve-se saber como interpretar corretamente esse material diante desses pontos fundamentais da narração.

CAPÍTULO 2

3. FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA, FLUXOS MIGRATÓRIOS E QUESTÕES AGRÁRIAS DO MARANHÃO

Este capítulo tem como foco realizar uma breve caracterização das transformações históricas sociais relativas ao processo de expansão do território Maranhense. Assim sendo, há na historiografia já realizada sobre a formação social, política, econômica e espacial deste Estado pontos centrais que nos serviram como base para a construção deste segundo capítulo. Desse modo, o presente capítulo visa tratar dos desdobramentos que diz respeito à ocupação, formação, transformação e desenvolvimento do estado Maranhense abordando a presença de migrantes nordestinos no Médio Mearim maranhense, os quais são importantes para a estruturação do trabalho dentro do nosso recorte espacial.

3.1. Estado Maranhense: ocupação territorial e formação socioeconômica

Conforme Magalhães et al. (2016) o Nordeste Brasileiro é uma grande região que possui uma extensão de 1.561.177 quilômetros quadrados abrangendo nove estados da Federação Brasileira, os quais são Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. De acordo com (SODRÉ, 2017) o Estado Maranhense é composto por 27 municípios, sua extensão territorial é constituída por 331.937 km² sendo, portanto, o segundo maior estado da região Nordeste.



Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2008/10/regiao-nordeste.jpg>

Segundo Trovão (2008), para a ocupação e colonização do território maranhense seus colonizadores chegaram e se estabeleceram a partir de duas frentes de expansão, as quais são: a primeira conhecida como frente litorânea surgida a partir da Ilha de São Luís e a segunda conhecida como frente pastoril abrangendo o sertão maranhense denominado de Pastos Bons. Como elemento econômico, a frente litorânea estabeleceu a agroexportação e a frente pastoril, a pecuária. Ambas, as frentes de expansão, abriram suas ramificações espaço adentro, diversificando-se em varias direções. Os ocupantes que seguiram a corrente fluvial da ilha de São Luís eram Franceses e Portugueses que chegaram à região maranhense a partir do século XVII e a frente pastoril foi iniciada por criadores de gados oriundos do estado Baiano durante o século XVIII.

Quanto aos objetivos de ocupação e exploração do espaço maranhense pelos colonizadores, Sodré (2017) destaca que as características territoriais maranhense foram um dos principais atrativos para a exploração dessas terras pelos que aqui inicialmente se estabeleceram, conforme o exposto abaixo:

Localizado em uma região geopolítica-física de transitoriedade ambiental apresenta um misto de características geográficas das macrorregiões Norte, Nordeste, e Centro-Oeste. De modestas condições edafoclimáticas e de rica rede hidrográfica, o Maranhão se destaca ainda por possuir uma diversidade de ecossistemas (floresta Amazônica, cerrados, praias tropicais, mangues) que confluem em um variado conjunto de paisagem e que foram fundamentais para a formação territorial do estado. (SODRÉ, 2017, p. 20).

Nota-se que o Maranhão em sua biodiversidade foi o estado que mais atraiu os olhos de seus colonizadores durante sua formação territorial, pois essas características ambientais foram principais motivações para a expansão econômica pastoril e para a agrícola já que havia um ambiente e terras favoráveis para o desenvolvimento das atividades econômicas visionadas pelos colonizadores.

Para Trovão (2008), um dos fatores que influenciou na interiorização do pastoreio foi a criação bovina, já que a mesma divergia da produção açucareira, ambas as atividades necessitavam de muitas linhas de terra para o desenvolvimento das mesmas, assim, para a criação do gado eram necessários áreas de terras mais extensas e somente nas partes interiores do estado havia essas disponibilidades de espaços, desse modo, os criadores de gado chegaram a se estabelecer nas regiões do sertão maranhense originando assim as primeiras povoações destas regiões, tendo como um dos principais recursos econômicos a comercialização da carne bovina nessa.

Sobre o estabelecimento da economia Maranhense a partir dessas duas frentes de expansão, Rocha (2015, p. 7 apud CABRAL 1992, p. 21) destaca o seguinte:

As duas linhas que dirigiram o povoamento – a que invadiu o litoral, subindo pelos rios Itapecuru, Mearim, Pindaré e Munim e a que avançou pelos altos sertões, oriunda do interior nordestino, delinearão formas de exploração econômica e padrões de comportamento bastante característicos nos espaços ocupados. A reconstituição da identidade maranhense implica, portanto, na apreensão desses dois amplos movimentos colonizadores com tendências e encaminhamentos próprios.

Conforme exposto acima, ao se tratar do processo de formação do estado maranhense devem-se levar em conta esses dois movimentos colonizadores que implantaram em cada região percorrida seus modos próprios de exploração econômica da terra. Diante do exposto, pensar a identidade maranhense implica primeiramente levar em consideração esses dois movimentos históricos de constituição deste território que estabeleceram uma economia com características distintas e que foram responsáveis tanto pela demarcação do território como para o surgimento e fortalecimento da produção econômica/agrícola a partir daquele período. Ainda a respeito do processo de ocupação, exploração econômica e evolução do estado maranhense é importante destacar a Companhia de Jesus, Período Pombalino, Companhia do Comercio do Grão- Pará e Maranhão, organizações políticas que foram fundamentais para a evolução do crescimento econômico do referido território (MALUF 1977).

Conforme Sodré (2017, p. 82) “Entre o final do século XVIII e início do XIX o Maranhão teve uma das maiores economias do país, resultado do comércio de arroz e algodão”. Desse modo, de acordo com Maluf (1977, p. 2) “Toda evolução posterior do Maranhão e as medidas de política econômica de que ele foi alvo tiveram por objetivo fundamental a implantação e o desenvolvimento de produções agrícolas para exportação”. Assim, a economia fundamentou-se e evoluiu através das atividades agrícolas como o cultivo do algodão e do arroz, da pecuária, produção do açúcar e extração do coco babaçu.

3.2. O fluxo migratório nordestino durante a formação socioeconômica do Médio Mearim

“Em 53 no Ceará teve uma época ruim de seca, eu tava com seis anos. Eu nasci em 1947, em 53 eu tava com seis anos, aí a época ficou ruim, lá no Ceará meu pai sofria muito, aí ele resolveu nós vim embora pro Piauí”.

“Quando nós chegemo no Piauí, nós chegemo na casa de um irmão de minha mãe aí meu tio disse, Nel, que era o meu pai, Nel, rambora pro Maranhão que essa crise aqui não é muito boa e nós já comecemos, tu quiser ir pro Maranhão, nós... tu passa uns dias por aqui assim pra descansar os jumentim enquanto eu me arrumo e vendo minhas coisas e nós destaca pro Maranhão”.

“aí nós passemos uns dias por lá, aí meu tio arrumou outros animalzinho e partimos de lá pra cá, pro Maranhão”.

(Gonçalo, 2020)

Um dos principais motivos descritos dentro da historiografia já realizada sobre a presença migratória nas terras maranhenses é o deslocamento gerado por causa das secas dentro da própria região nordestina, além das secas, outros fatores como a condição econômica de muitos desses trabalhadores também se apresentam como responsáveis pelo deslocamento desses indivíduos dentro dessa região.

De acordo com Magalhães et al (2016), a região Nordeste divide-se em zona da mata uma área em que a predominância das chuvas é maior, região agreste situada ao lado leste da região nordeste e o semiárido o qual é conhecido como o sertão que possui uma área extensa que ao longo dos anos sofre com as frequentes secas ocorridas no estado. Devido aos problemas ambientais ocasionados por causas das faltas de chuvas no semiárido Nordeste a região semiárida ao longo dos anos sofreu diversas consequências ocasionadas pelas secas recorrentes tanto para a população como para o campo.

Portanto, ainda conforme o autor:

O Brasil é um país muito grande e diversificado e isso se reflete no seu clima. No mesmo momento em que pode gear no Sul e no Sudeste do País, as temperaturas podem ultrapassar os 30 graus centígrados em largas regiões do Nordeste e do Norte. As secas estão presentes em todas as regiões, de norte a sul e de leste a oeste, afetando a produção agrícola e o abastecimento de água. Contudo, é na região Nordeste que elas se manifestam com maior frequência e intensidade e tem impactos mais acentuados. (MAGALHÃES et al 2016, p. 19).

Assim, conforme destacado acima, entende-se que apesar de o Nordeste ser uma região que sofre com os danos causados pela seca, esse fenômeno não é específico somente

desta região, mas a seca também ocorre em outras partes do Brasil, o que se nota é que no estado Nordeste há áreas em que a seca causa maiores danos afetando a população de forma econômica e social. No sentido econômico, porque as consequências principalmente na agricultura, acontecem com maior agressividade ocasionando a morte de animais e perdas das plantações. No sentido social porque a pobreza aumenta e a escassez de água faz com que muitas pessoas precisam se retirar durante os períodos mais secos. Dessa maneira, com poucas condições de sobrevivência, muitos vão embora provocando o abandono do lugar e migram para outros estados ou quando não querem partir permanecem.

Segundo Santos; Silva e Oliveira (2009, p. 1), “A história da região Nordeste, tem se caracterizado por sucessivos movimentos migratórios relacionados à ocorrência das secas”. Conforme apontado pelos autores, o fenômeno das secas dentro dessa região, especificamente o sertão nordestino, tem sido demonstrado como um dos principais fenômenos causadores da saída de pessoas dessa região indo para outras localidades do Brasil. Mas estes mesmos autores demonstram que apesar desse fenômeno ser apresentado como principal causador de deslocamento humano dessas regiões deve-se levar em conta que o processo migratório desta região não está atrelado somente as causas e consequências das secas, mas que também são resultados das baixas condições de vida desses indivíduos, dos desequilíbrios ambientais causados pelos próprios seres humanos e a exclusão social desses territórios e das pessoas que moram nestes lugares pelas próprias ações governamentais. As políticas de ajuda a população e a agricultura precisam ser ações adaptáveis as condições climáticas do semiárido nordestino, região em que as situações de secas são muito presentes.

Compreendemos que o homem em sua trajetória corre em busca de sobrevivência, o mundo está aí para ser percorrido, se não tem um amparo aqui procura outro ali ou acolá e assim vai seguindo o curso da sua vida rumo ao fim dos seus dias. Mas cabe a cada um lutar pela sua sobrevivência, lutar por dignidade, por empregos, enfim, por aquilo que proporcione o bem estar pessoal e social. Dessa forma, destaco abaixo um relato de Gonçalo Sousa, o migrante a qual este trabalho aborda sua história de vida, que aponta a precária situação que o seu próprio pai vivia no Ceará na época em que moravam lá. Naquela época, a situação não estava fácil e seu pai viu a oportunidade de migração como uma saída para aquela situação:

Meu pai veio do Ceará desgostoso porque quando a época faz uma pessoa ir embora daquele lugar é porque ele tá sentindo qualquer coisa que ele não tá se dando bem, aí ele procura outro lugar melhor pra ele viver, é o caso de meu pai. (Gonçalo, 2020).

Na experiência do entrevistado, em migrar significa não se conformar com aquelas condições que vivenciavam naquela época naquele estado. Porque continuar sujeitando-se aquelas condições se havia uma oportunidade em sair dela, mesmo que esta fosse incerta. Ferreira (2015, p. 20), destaca que “O desejo do migrante nem sempre é de enriquecimento e fartura. O rumar ao Maranhão é, muitas vezes, mera estratégia de sobrevivência. Segundo seus próprios termos, muitos migram pra “escapar”.

Desse modo, tratar a respeito do processo de formação do Médio Mearim nos importa destacar a chegada e o estabelecimento desses camponeses nessa região, assim, de acordo com Ferreira (2019):

Desde meados do século XIX registra-se a chegada de nordestinos ao Maranhão, principalmente em tempos de seca. Entre as décadas de 1930 e 1960, as migrações dirigidas ou “espontâneas” intensificam-se. O Médio Mearim configura-se em eldorado para sertanejos nordestinos entre as décadas de 1930 e 1970. (FERREIRA, 2019, p. 343-344).

Desde o século XIX a região maranhense passa a receber migrantes oriundos de outros estados do próprio nordeste, um dos principais motivos da presença destes nordestinos no maranhão era devido a seca que assolava suas regiões de origem. Fugir de tal seca e das baixas oportunidades de trabalho era o foco dos respectivos migrantes que vinham em busca de uma nova chance de sobrevivência e esperançosos em encontrar um pedaço de terra para trabalhar. Ferreira (2019) aponta as regiões onde a presença de tais migrantes foi mais presente:

Bacabal, São Luís Gonzaga, Pedreiras e Vitorino Freire, municípios instituídos até 1960, despontam como os principais focos de migração de nordestinos para o Maranhão entre 1930 e 1960 e de grande produção agrícola e extrativismo de babaçu. (FERREIRA, 2019, p. 347).

Conforme destacado acima, é nas décadas de 1930 e 1970 em que há uma intensificação nos deslocamento de nordestinos dentro do espaço Maranhense. Diante das dificuldades, necessidades e desempregos que tinham que enfrentar dentro de suas regiões de origem esses migrantes via nas terras maranhenses a oportunidade de trabalho, mesmo o braçal, para alcançarem uma vida mais digna. Assim, as terras maranhenses eram apresentadas naquele período, aos ouvidos de quem ouvia, como uma espécie de “eldorado”, um lugar de “Terras sem donos, dotadas de bons invernos” (FERREIRA, 2016, p. 90). Por sua abundância natural o atual estado serviu de alternativa à sobrevivência desses migrantes como ratifica Trovão (2008, p. 25) a seguir:

Referidos migrantes encontraram em terras maranhenses aquilo que não tinham no seu Estado de origem: terras abundantes e devolutas, índice pluviométrico e satisfatório e solo úmido, graças à cobertura arbórea e a presença constante das chuvas.

Portanto, neste espaço considerado rico em toda a sua biografia, estabeleceram-se migrantes de diversas regiões do país tais como: Pernambucanos, Piauienses, Paraibanos, Cearenses, entre tantos outros, esperançosos de dias melhores, de ver o resultado do seu trabalho numa terra produtiva. Mediante o exposto, o processo de constituição dessa região, principalmente a partir da década de 1930, conta com a presença desses migrantes camponeses nordestinos como um dos principais motivadores para a sua constituição territorial e populacional como também destaca Ferreira (2016) a seguir:

Analisar a configuração do Médio Mearim entre 1930 e 1970 implica problematizar a transformação de um espaço com a chegada e a fixação de milhares de camponeses, homens e mulheres, idosos, adultos, jovens e crianças, que se deslocam de outras áreas do Maranhão e de outros estados do Nordeste, principalmente do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco rumo a um suposto eldorado. (FERREIRA, 2016 p. 85).

Pensar o Médio Mearim em sua configuração territorial nos importa problematizar a presença de tais migrantes que deixaram sua contribuição social e cultural que representa muito daquilo que este estado é atualmente. Assim como aponta Sodré (2017), ao descrever que foi especificamente a abundância das terras maranhense que despertou o interesse migratório nesta região em diferentes momentos, e que o estabelecimento desses migrantes nesse território foi fundamental para a formação social, espacial, cultural e socioeconômica desse espaço.

Trovão (2008) destaca que a presença dos migrantes nordestinos serviu para a penetração definitiva nas áreas ainda não habitadas, pois os que primeiramente aqui chegaram haviam ocupado apenas as áreas próximas das margens dos rios. A chegada dos migrantes abriu novas rotas de penetração, as quais foram importantes para o surgimento de muitos municípios. A Presença dos tais proporcionou também a dinamização da produção agrícola, pois além do arroz passaram a ser produzido o cultivo de outros produtos como a mandioca, o milho, a batata, a macaxeira e o feijão nas áreas habitadas. Assim, nas palavras do entrevistado podemos destacar o seguinte:

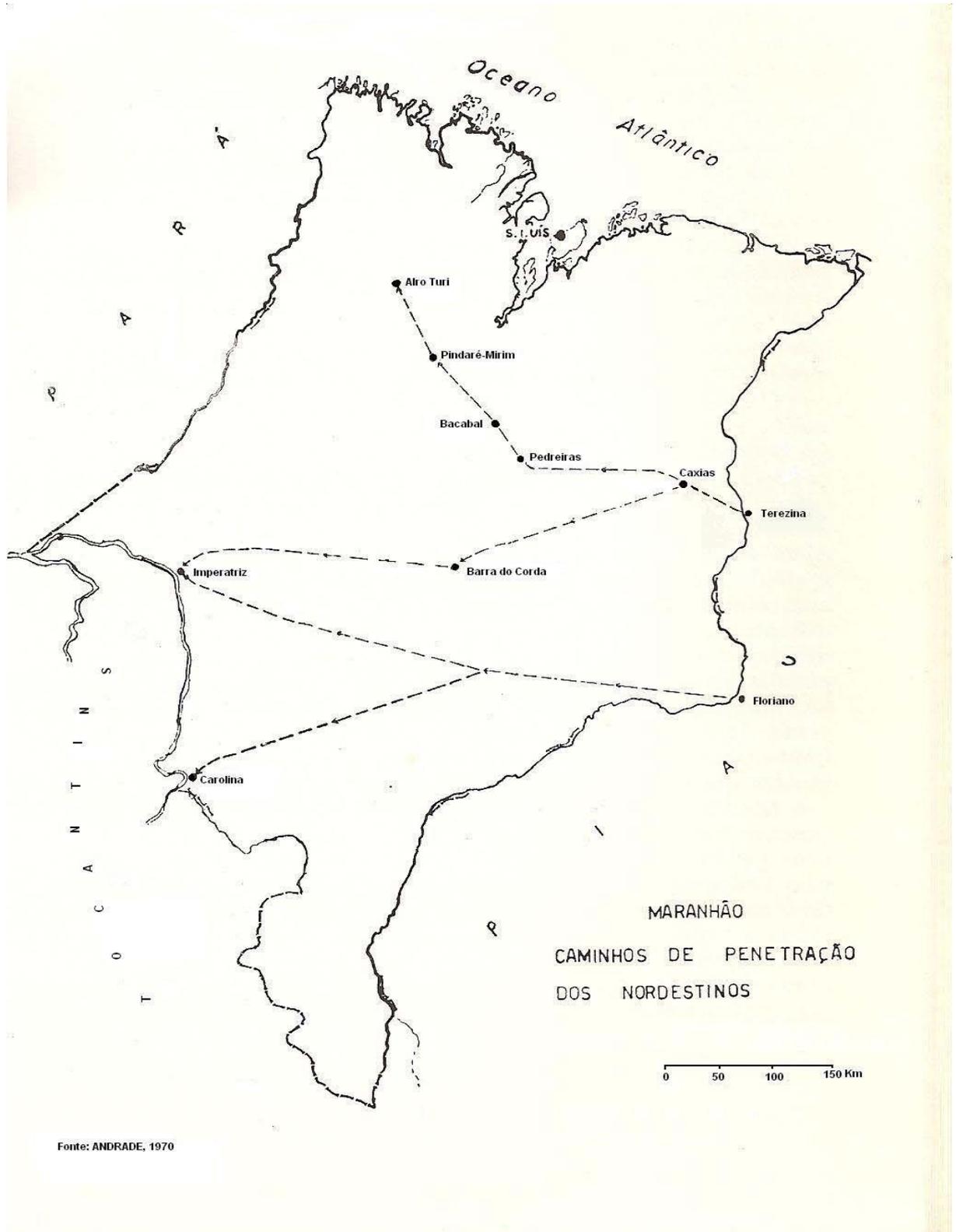
Eu me lembro quando nós chegemo, aí o papai fez um lastro de feijão mais lá tinha feijão, nós ia apanhar feijão, quando nós chegava a mamãe cozinhava aquela panelona de feijão pra nós comer com farinha, era tão bom. (GONÇALO, 2020).

Para Barbosa (2013), a intensificação da migração de pessoas oriundas de outras localidades do país para o Maranhão a partir da segunda metade do século XX favoreceu o aumento da fronteira agrícola no estado além de estar acompanhado da exploração do coco babaçu que servia como um dos principais meios de recursos econômicos para esses indivíduos. Em vista disso, são percebidas tais características nas palavras do entrevistado quando ele diz:

Quando nós chegemo do Ceará no laguim (Laguinho) o papai foi criar porco, fazer roça pra apanhar muito arroz, terra boa apanhar muito arroz e os meninos maior iam quebrar coco e os menores fazer arapuca e pegar nambu. Quando nós chegava, nós media os coco, nós botava num saco, aí a dilurdes (Maria de Lurdes) ia vender aí a mamãe cozinhava feijão misturado com arroz e comprava sardinha pra nós comer. (GONÇALO, 2020).

Quando chegaram à região em que se estabeleceram, povoado conhecido como Laguinho dos Brancos, atualmente município da cidade de Bom Lugar-Ma, para a família do migrante analisado foi um reinício em suas vidas e nesse primeiro momento, o principal meio de trabalho era a criação de animais, o cultivo da roça, a caça e a quebra do coco babaçu. Tais camponeses abasteciam-se da quebra do coco e da roça para suprir sua alimentação e comprar outras coisas que necessitavam.

Caminhos de Penetração dos Nordestinos no Maranhão



Fonte: LIMA NETO, 2007 apud Andrade, 1970.

3.3. Questões agrárias no território maranhense: Breves considerações sobre os camponeses

Segundo Sodré (2017) o campesinato é compreendido em seus termos como conjuntos de grupos sociais que habitam um mesmo território delimitado e que ao criar suas relações reproduzem-se socialmente através dos recursos naturais e culturais deste espaço tendo como base de consumo e produção a autonomia familiar. Sendo esses sujeitos do campesinato os chamados camponeses, tais indivíduos trabalham e exercem atividades a partir do contato manual com a terra, que estão presentes no território ou que lutam por ele.

A história maranhense é marcada pela presença de muitos camponeses, tais trabalhadores possuem um papel fundamental na estruturação deste território. Sabe-se que para a expansão e territorialização do atual estado maranhense conforme a literatura já apresentada sobre o processo de formação e ocupação das terras deste estado, os que aqui primeiramente chegaram Franceses, Portugueses, Holandeses e ingleses que para ocupar, expandir e dominar este espaço deu-se através da expulsão e matança primeiramente dos indígenas que já viviam no referido território e que foram expulsos, mortos e escravizados durante esse processo como destaca abaixo Ferreira (2008, p. 20):

Essa, contudo, sofreu várias transformações derivadas da necessidade da França (fundou a capital), de Portugal (retomou dos invasores duas vezes e efetivou estratégia de ocupação), Holanda (invadiu e dominou uma vez durante vinte e sete meses) e Inglaterra (interferiu em acordos econômicos), que viabilizaram domínio e posse (assentamentos, estradas, engenhos), áreas de produção, escravização indígena e negra africana, exploração de recursos, e ações de políticas territoriais (fortes, missões, via de acesso), culminando na ampliação do povoamento.

Além dos índios e de brancos que já habitavam essas terras em seu início de formação, destaca-se também a presença africana, pois segundo Sodré (2017, p. 81) “A população negra do Maranhão foi formada a partir do sistema escravista de trabalho nas fazendas de arroz, algodão e posteriormente nas fazendas de cana-de-açúcar”. Desse modo, o campesinato maranhense tornou-se bastante diversificado a partir de sua constituição e transformação étnico-racial. Assim sendo,

O multifacetário conjunto de agrupamentos sociais que compõem o rico e diversificado campesinato maranhense, permanece em constante movimento de luta por seus territórios. A composição étnico-racial formada por índios, negros e brancos deram origem ao conjunto de sujeitos sociais (indígenas, quilombolas, extrativistas, quebradeiras-de-coco-babaçu, trabalhadores, ribeirinhos, pescadores, meeiros, foreiros, sem-terra, assentados, entre outros) que através de seus vínculos societário de comunidade desafiam o planejamento neoliberal nas suas investidas de apropriação de território. (SODRÉ, 2017, p. 81).

O campesinato maranhense como descrito por Sodré (2017) é bastante diversificado, compostos por grupos sociais surgidos a partir da composição étnico-racial entre brancos, índios e negros. Tais categorias lutam pelo acesso a terra dentro do estado contra a expansão do capitalismo que muitas vezes os retira de seus territórios. Outro fator importante a ser destacado é que o campesinato maranhense também conta com a presença dos migrantes de outras regiões de dentro do próprio nordeste. Quanto à estruturação do processo de apropriação de terras no estado do Maranhão destaca-se abaixo o seguinte:

A estrutura agrária de um território resulta e é resultado de sua estrutura fundiária demarcada no contexto histórico de formação social e econômica de uma sociedade. O Maranhão, assim como os demais estados Brasileiros têm um perfil de distribuição de terras concentrado. Por meio de arcabouços políticos, jurídicos e das supras estruturas que compõem o Estado, a organização das terras obedece um quadro injusto que deixa alheias as classes que pouco contribuem economicamente para a reprodução do capital. (SODRE, 2017, p. 104).

Diante do exposto, o Brasil em sua distribuição fundiária segue ainda os modelos de partilhas de terra desde sua formação. O Maranhão carrega em seu processo histórico de formação grandes conflitos por acesso a terra.

Sodré (2017) destaca que o estado maranhense possuiu uma grande parte da população concentrada em áreas urbanas, mas que apesar da grande concentração nas áreas urbanas, o estado é visto como o mais rural do Brasil. Ferreira (2016, p. 106) ao abordar sobre conflitos no espaço maranhense destaca que “agressões físicas, assassinatos, ameaças de morte, invasão de povoados, incêndios de casa e pertences, roubos de bens e dinheiro são ações que disciplinam corpos e memória de inúmeros camponeses”. Tais conflitos por terras no atual estado são gerados a partir da expansão pelo agronegócio, pelos latifundiários e grileiros de terra. As grandes empresas de produções agrícolas que à medida que vão expandindo suas produções precisam de mais terras, assim, vão desapropriando e expulsando os camponeses existentes nesses lugares como comunidades indígenas, pequenos agricultores familiares, terras quilombolas, etc. Dessa forma, Sodré destaca que:

Nesse início de século, o agronegócio, como face mais “moderna” do capitalismo no campo, está estabelecido em todas as regiões do Maranhão, com instalação de pólos estratégicos de produção de soja, eucalipto, bambu e cana-de-açúcar encontram-se ainda em algumas regiões atividades ligadas a exploração aurífera e gás natural. (SODRÉ, 2017, p.146).

Enquanto os grandes produtores agrícolas enxergam a terra como meio de produção para a conquista e concentração de lucros os trabalhadores camponeses a enxergam muito mais do que isso. A terra é para o trabalhador rural mais que lucro, é sua habitação, é seu

lugar de segurança, é a representação daquilo que ele é, é o espaço de sua existência. Para o camponês a terra é tesouro precioso, lugar onde estão marcados os seus passos, é onde sente as mais belas e difíceis sensações. É lá onde derrama o suor do seu rosto, é onde põe a força do seu trabalho e que com alegria ver o resultado dos seus esforços através da produção da sua terra, a recompensa do seu enfadonho trabalho. A casa, os filhos, a família, enfim, a terra para os camponeses segundo o nosso entrevistado é a “vida”.

Ainda de acordo com Sodré (2017, p. 175) “os conflitos agrários no campo brasileiro costumam acompanhar atos sociais violentos, que podem ir da violência verbal, como uma ameaça, até o mais extremo ato de violência, o cessamento da vida de uma pessoa”. Por isso, ainda conforme o autor, tais lutas pela terra por partes dos camponeses são exercidas como contrapartida ao avanço do capitalismo dentro de seus territórios.

Conforme o citado acima, o migrante ao qual analisamos sua trajetória de vida, narra o seguinte sobre conflitos gerados por terras:

Rapá, eu não queria negócio de briga de terra, de briga de coisa nenhuma principalmente de briga de terra, Deus me defenda. É muito perigoso aquilo ali, é perigoso de mais, o caba tá assim inocente e o outro vem e mata a gente aquilo é perigoso de mais. Eu nunca fui e nem vou. Porque eu tenho uma comigo que esse negócio de comunidade eu não queria não, de jeito nenhum eu não queria comunidade, eu nunca participei dessas coisas não porque sempre toda vida eu fui medroso. (GONÇALO, 2020).

Segundo o entrevistado, ele nunca quis se envolver em conflitos travados pelo acesso a terra, isso deve ter ocorrido pelo fato de ter conhecido pessoas que foram mortas em nome desses conflitos e por ter vivenciado mesmo que indiretamente situações de lutas por comunidade. Em outro ponto da entrevista ele relata o seguinte:

Agora na aldeia teve, morreu muita gente... Mas ali teve... Uma hora dessa assim nós tava pescando escutando o tiroteio no rumo da Aldeia, as brigas lá daw, daw, daw. Aí começou sair a notícia que tinha sido um conflito, briga lá na Aldeia, os homens botando fogo e acabando com tudo. Rapá nesse tempo teve movimento na aldeia, vixe Maria. Eu não me lembro que ano foi aquilo minha filha, eu não me lembro o ano. Eu sei que era depressa a gente sabia, o povo passava de bicicleta chegava ligeiro... Um movimento doido.

[...] E no dia que mataram o finado Mané Tintino eu cheguei na muriçoca aí o Miguel do Severiano vinha vindo porque quem atirou no caboco lá no pé de banana era irmão do Miguel do Severiano, o Batista, o Miguel vinha vindo aí parou aí eu entrei aí quando nós chegamo na Aldeia o Mané Tintino entrou na combi vestido numa calça cor de chumbo, emssapatado, uma camisa alvinha dado dobra no colarim da camisa e aí ele foi mais nós aí eu fiquei na rodoviária aí o Miguel foi deixar ele lá na casa dele aí o Miguel foi. Quando o Miguel chegou lá na casa dele deixou ele e voltou pra rodoviária de novo, demorou pouco aí Miguel me chamou: - “É Custódio encosta aqui pra eu te contar uma coisa”. - O que é rapá? - “Mataram o Mané tintino agorinha”. Eu digo, rapá larga de conversa. -“ mataram agorinha,

rambora lá”. Aí nós entremo no carro cheguemo lá tavam com ele encima da mesa... Duma mesa pra mudar a roupa dele. O caba deu... tacou a bala uma assim outra assim e outra assim. Mataram ele por causa das terras, ele era envolvido lá com a associação, aí que ele também era um dos mais véi que morava lá, ele tinha um engenho muito monstro de fazer cachaça ali na Aldeia. Eu ainda bebi garapa lá, eu fui uma vez pra lá mais a Helena e a Graça do Manin e aí eu bebei garapa naquele engenho, eles levaram madeira lá da Buzica, da casa da Buzica pra fazer a casona lá do engenho, aí eles mataram o Mané Tintino, Mané Tintino tava novo, mataram o caboco véi. (Gonçalo, 2020).

Conforme Ferreira (2015) foi nas décadas de 1980 e 1990 que os conflitos por terras na comunidade Aldeia se tornaram mais intensos quando a mesma sofreu grandes ataques a mando de grileiros. Ainda segundo Ferreira (2015, p. 141) ao descrever a fala de Frei Heriberto Rembecki (2014) sobre esse dado momento ela destaca o seguinte sobre o conflito no povoado Aldeia:

Aldeia é um lugar muito próximo, onde você vê toda a questão do conflito de terra. [...] uma dessas invasão da policia militar foi em 85, no dia 20 do mês de novembro, e lá vem o Coronel Silva Junior, segurado pela segurança do Maranhão, convocado de oficiais. 130 soldados chegaram lá no povoado. Chegando colocaram logo lá na frente da igreja uma metralhadora giratória e invadiram as casas. [...] e depois na Aldeia (em 1988) no dia 12 de fevereiro, domingo de carnaval, entraram com carros blindados e jogou bomba caseira e queimaram 30 casas.

Em muitas situações, a única coisa que resta a muitos camponeses que se envolvem em questões agrárias de terra é travar conflitos tais como embates físicos em muitas das situações quando se veem obrigados a enfrentar os ataques feitos pelos que querem o domínio da terra em que estão estabelecidos. Outros grupos de trabalhadores camponeses juntam-se e reivindicam espaços onde possam morar e se estabelecer. Portanto a violência no campo é também uma forma de resistência para o alcance daquilo que reivindicam como destaca Sodré (2017).

CAPÍTULO III

4. NARRATIVAS DE VIDA E (RE)CONSTRUÇÃO DE SI: LEMBRANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE GONÇALO GOMES DE SOUSA NO MÉDIO MEARIM MARANHENSE



Foto de Gonçalo dentro de sua roça na época do corte de arroz.

Foto: Sousa, 2021.

Conforme Ecléa Bosi “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 1979, p. 15). O passado de todos os indivíduos é conservado no interior de cada um e as lembranças é o meio pelo qual essas experiências de vida se matem vivas. Através da história oral podemos pensar e recriar tais trajetórias de vida, conhecer, entender e compreender o contexto de épocas e situações vivenciadas pelos indivíduos que fizeram parte de tempos referentes ao passado. Assim sendo, este último capítulo está fundamentando sobre a trajetória de vida do migrante analisado abordando pontos relevantes em sua vida enquanto trabalhador camponês na pessoa de um migrante nordestino. Desse modo, é possível alcançarmos um rico conhecimento através da narrativa oral dessas experiências vivenciadas por migrantes que fixaram moradia neste lugar, que formaram famílias, construíram suas vidas e que muitos deles permanecem até o tempo presente.

4.1. Explorando uma trajetória: quem é? De onde vem? Onde mora?

Gonçalo Gomes de Sousa, conhecido como Custódio, nasceu em 1947, em Lagoa do Peixe, Ceará, filho de trabalhadores rurais. Atualmente tem 73 anos de idade, casado, pai de três filhos, trabalhador rural, residente no povoado Igarapé de Pedra, município de São Mateus do Maranhão. Chegou ao Maranhão ainda criança em 1953, aos seis anos de idade, na companhia de seus pais, seus sete irmãos juntamente com a família de um tio. O nome de seu pai era Manoel Gomes de Sousa, e de sua mãe era Maria Isaltina Vieira de Sousa.

O plano de seus pais era achar um lugar melhor para poder viver e criar os filhos que ainda eram pequenos. De acordo com o entrevistado a família deixou o Ceará por causa das dificuldades financeiras que os mesmos enfrentavam ali, pois enquanto trabalhadores rurais, os períodos de seca trouxeram na época graves consequências a terra tornando o solo pouco produtivo. O pai, Manoel Gomes de Sousa, tinha um terreno, mas por causa das consequências da seca não produzia alimentos suficientes para o sustento da família, assim, sem outro meio para viver resolveram sair de lá.

A família migrou durante a década de 1950, pois segundo o entrevistado, naquela época Lagoa do Peixe, lugar onde moravam, sofria com as consequências geradas pela seca. Diante das dificuldades enfrentadas naquele lugar o seu pai resolveu ir para o Estado do Piauí onde morava um irmão de sua mãe. Ao chegar ao Piauí, a família recebeu o convite do tio para virem ao Maranhão.

Quando ele, Gonçalo, saiu do Ceará com a família ainda era muito novo, mas carrega nas lembranças situações que não foram esquecidas, são situações vivenciadas que como diz Michael Pollak (1992), ao abordar sobre os elementos constituintes da memória, são as lembranças constituídas a partir de todos os acontecimentos vivenciados pelo indivíduo; as fortes lembranças que representam fatos pessoais vivenciados pelo sujeito e que se tornam marcantes para o mesmo, independente da época que ocorreram. Além destes lugares da memória, há também lembranças que envolvem os sentimentos do grupo coletivo que a pessoa se sente participante reproduzindo acontecimentos narrados por outras pessoas. Apesar da infância, o entrevistado recorda tais momentos, assim, compreendemos que são recordações que marcaram sua vida por isso permanecem até hoje vivas em suas lembranças.

Sobre alguns desses momentos ele narra o seguinte:

Eu era pequeno, mais até hoje eu me lembro daquelas coisas, eu me lembro que lá no Ceará tinha umas batatonas que plantavam nas roças e que chamavam de inhame e nós ia arrancar aquelas batatas aí a mamãe cozinhava bem cedo pra nós tomar com café.

[...] Tem hora que eu me lembro daquele tempo que nós vinha viajando, ainda sinto o cheiro das flor daqueles paus, aqueles pés de angico.

[...] Quando nós chegemo no Piauí, arranjaram uma casa pro papai, aí nós fumo morar dentro dessa casinha, eu ainda me lembro, ainda sinto o sabor daquele gosto de um feijão misturado com arroz que a mamãe fez com leite de coco, ainda hoje eu me lembro. (Gonçalo, 2020).

São lembranças fixadas na memória e que permanecem até o tempo presente, embora haja aquelas que são esquecidas, tais lembranças, são marcantes na vida do sujeito pelo fato de ainda recordar-se delas quando diz “eu era pequeno, mais eu me lembro”, a recordação do alimento típico da família na época como as batatas, o cheiro do mato dos caminhos que passaram; a casa que ficaram quando chegou ao Piauí, o sabor do gosto da comida que a mãe preparava. Além destas, há a tendências de lembranças coletivas, recordações contadas pelos pais que o mesmo também carrega consigo.

4.2. A longa viagem: da saída do Ceará até chegar ao Estado do Maranhão

Como já abordado, de acordo com o entrevistado, um dos principais motivos que levaram seus pais a deixar o Ceará foi às dificuldades financeiras na qual enfrentavam ali, com poucos recursos e numa época onde segundo ele as “coisas eram mais difíceis” a migração serviu de alternativa a essa família. Assim ele expressa nas suas palavras um pouco a respeito do conhecimento que hoje a vida lhe proporcionou quando rememora tais momentos:

Um pai de família, com seis sete menino dentro de casa sem ele ter aquela condição de dar de comer é uma tristeza grande pro pai de família, aí ele chega o destino de viajar seja qualquer coisa. Aí aquela vida cansada, e ele achou que num dava aí foi quando ele teve o destino de nós ir pro Maranhão e chegemo hoje onde nós tamo. (Gonçalo, 2020).

Ao ver-se sem condições financeiras suficientes para criar os filhos ali naquele lugar, o pai tem como alternativa a saída do lugar onde moravam para outra região e, a princípio, teve como destino o estado do Piauí pelo fato de já estar morando lá um parente próximo da família. De acordo com a recordação do entrevistado, a família saiu do Ceará por volta do mês de fevereiro de 1953 e chegaram ao Piauí entre o final de maio e início de junho daquele ano. Todo o trajeto do Ceará ao Piauí foi feito a pé e em lombos de animais. Sobre a saída do Ceará e sobre a forma como se deu o deslocamento da família, ele narra o seguinte:

Nós saímos do Ceará no mês de fevereiro de 53, quando deu aí pro final de maio e início de junho, nós chegemo ao Piauí. A nossa carruagem era um jumento com uns jacá e um ¹matulão nas costas de meu pai e os menino dentro dum jacá, dum lado e do outro, e eu vinha na garupa do jumento. Vinha um de cada lado e eu na garupa. O meu pai com um matulão e minha mãe puxando uma cabrinha aí chegemo no Piauí. (Gonçalo, 2020).

Segundo Ferreira (2015) entre as décadas de 1930 e 1940 essas migrações eram feitas a pé ou em animais, a partir das décadas de 1950 e 1960 tais trajetos eram feitos em caminhões. Apesar de o entrevistado ter chegado a partir da década de 1953 eles fizeram todo esse trajeto a pé e em animais.

Quando o pai de Gonçalo resolveu sair do Ceará com destino ao Piauí, sabendo que a viagem não ia ser tão fácil e longa matou um porco, já que na época costumava criar esses animais, e sua mãe dona Maria Isaltina o cozinhou e fez uma farofa e armazenaram aquele alimento dentro de uma lata grande e partiram. Assim nas suas palavras:

Quando nós chegava naquelas sombras que a molecada vinha tudo com fome aí meu pai se arranchava e minha mãe dava de comer pra molecada. Aí quando o sol quebrava, ele butava a ²cangaia no jumentinho aí nós partia pra frente, quando nós passemos assim umas duas semanas viajando, já tinha muito moleque cansado mais ele demorava uns três a quatro dias, nós ficava lá ele trabaia assim aonde tinha aqueles pessoal que pagava pra trabaiaí, ele dava uma trabaia de dois três dias e aquele dinheirinho servia pra ir à frente, quando aquele frito se acabou, aí lá onde nós se arranchava ele comprava e a mãe fazia o frito e nós conseguimos viajar, tirar essa tarefa do Ceará ao Piauí. (Gonçalo, 2020).

Dessa maneira, durante a viagem a pé e em animal, a família seguiu rumo ao Estado do Piauí. No caminho, arranchavam-se embaixo de árvores e alimentavam-se com a farinha e a carne suína, quando as crianças estavam muito cansadas ficavam três a quatro dias arranchados, enquanto isso o pai procurava serviço e trabalhava á diária, o dinheiro que conseguia nesses trabalhos era utilizado para seguir adiante. Quando a comida acabava, com o dinheiro conseguido nas diárias feitas pelo pai, compravam mais carne e faziam a farofa, dessa maneira conseguiram alimentar-se durante toda viagem até chegar ao Piauí. Ao chegar ao Piauí a família recebe o convite do tio conhecido como Antônio Candido e de sua esposa Donana para virem ao maranhão porque segundo o seu tio “essa crise aqui não é boa”. A partir disso, supõe-se que no Piauí a condição da família e da vida do seu tio não era tão favorável. Desse modo, ficaram no Piauí por um breve período de tempo apenas enquanto o tio vendia as coisas que tinha para virem juntos ao Maranhão.

¹ Trouxa ou embrulho de roupas que se leva às costas.

² Cangaia ou cangalha: peça para equilibrar a carga dos animais.

Segundo Gonçalo, no Piauí tinha um homem chamado Constantino Lira que tinha uma propriedade e que “era um bom patrão e que naquela época botava os homens pobres pra trabalhar” o seu tio Antônio Candido trabalhava e morava nessa propriedade. Aconteceu que Constantino Lira vendeu sua propriedade e veio embora direto pro Maranhão e comprou uma propriedade no povoado Laguinho dos Brancos que na época era um povoado pertencente à região de Bacabal-Ma. Assim, pelo fato de seu tio Antônio Candido já ter essa amizade com Constantino Lira resolveu vir ao Maranhão, desse modo, o tio fez o convite à família de Gonçalo para migrarem juntos para essa mesma região.

Logo após o seu tio se organizar com a família, as duas famílias partiram juntas ao Maranhão. Saíram do Piauí provavelmente em julho de 1953 como relata a seguir:

Aí chegou a época, aí meu tio arrumou outros animalzinho e partimos de lá pra cá, pro Maranhão. Aí viajemos. Saímos de lá pelo mês de julho, e seguimos, viajava um dia e se arranchava outro, eu sei que nessa luta nós chegemo no Maranhão. (Gonçalo, 2020).

A jornada não foi fácil, pois durante todo o caminho dependeram apenas de seus próprios esforços e força de vontade de chegar ao destino pretendido. Além dos pequenos serviços que o pai fazia quando ficavam arranchados, as crianças pediam ajuda as pessoas por onde passavam. Assim Gonçalo narra sobre essa situação:

Quando nós vinha no caminho nós pedia esmola eu e a de Lurdes, nós era os mais maiorzinho, aí nós saia pedindo aquelas esmolos, nós ganhava farinha de puba, oh mais era bom aquela farinha de puba! Nós ganhava feijão, arroz. Quando nós partimos que atrevêssemos o rio Parnaíba pegando já o estado do maranhão aí nós ganhava arroz pilado, arroz com casca aí quando nós se arranchava a mamãe pilava. A cumade Maria Neuza já tava mocinha, a Alda do tio Antônio Candido era uma moça grande, a Maria, a cumade Maria do tio Antônio Candido, a Ciça já tavam grandona aí se ajuntava elas tudinha naquelas casas que tinha pilão aí pilava aquele arroz que nós ganhava todim, ia pegando o arroz com casca e nós butava nas cuia aí o povo dava nós corria até em casa, até lá nas cargas, num sabe, aí quando nós se arranchava aí nós saia pedindo esmolos. Nós só se arranchava onde tinha muita gente aí nós trazia aquele horror de coisas ajudava muito. Nós chegava nas casa: me dá uma esmolinha por amor de Deus! Era desse jeito que nós pedia, o pessoal dava. (Gonçalo, 2020).

Durante a viagem as crianças pediam alimentos nos lugares onde passavam ou arranchavam-se, esses mantimentos que recebiam da população também serviam para o consumo dos mesmos durante toda aquela viagem. Ele e sua irmã não eram os filhos mais velhos, mas os mais ativos no grupo, ambos saiam a pedir mantimentos à população nos lugares por onde passavam e permaneciam arranchados, os demais irmãos e primos agiam do mesmo modo. A ideia de ficarem parados onde havia muita gente era na intenção de o pai conseguir trabalhos á diária e os filhos poderem arrecadar alimentos entre a população.

Em outro ponto da narrativa ele recorda sobre um momento em que após ultrapassar o rio Parnaíba chegou a uma localidade em que se estabeleceram durante alguns dias, desse modo ela narra sobre esse momento:

Quando nós atrevêssemos o Rio Parnaíba, aí nós chegemo num lugar onde morava um homem que tinha condição, ele tinha uma moça bonita e ela queria que meu pai desse a minha Irmã pra ela que era a cumade Lurdes, aí a moça não saiu de lá de onde nós estava, nós passemos uns três dias lá, ela dando alimentos pra nós no sentido que o papai ia dar a de Lurdes pra ela, que a de Lurdes era uma menina muito bonitinha assim, ativa, buliçosa, malina, aí essa moça lá se engraçou, aí disse pro papai: - “ eu educo ela aonde vocês esbarrar eu vou visitar vocês e levo ela, ela fica aqui como uma filha minha, eu não vou explorar sua filha eu quero é que você me dê ela”, aí meu pai disse que não dava não, que ele não ia dar a menina não, aí ele deu uma desculpa pra ela lá, ela deu uma ajuda pro papai que deu pra nós chegar mais na frente. (Gonçalo, 2020).

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas e diante talvez da possibilidade de ter uma filha livre daquela situação o pai não entregou a filha á mulher que apesar de prometer um bom futuro para a filha, aos olhos do pai, isso podia não ser possível. Na incerteza do amanhã era melhor a filha estar com ele ao lado de sua própria família. Foram muitas as situações vivenciadas durante aquela viagem, além destes acontecimentos, o entrevistado narra outras situações vivenciadas durante o trajeto como a insatisfação de sua mãe após muitos dias de viagem andando a pé:

Aí nós vinhamos de lá pra cá. Ai quando... Uns lugar véi tão feio, só pedra aqueles lugar véi, e a mamãe brigando porque o papai vinha do Ceará do lugar dela do meio da famia dela, dos irmão da mãe dela. Ela vinha achando ruim, mais aí era o jeito que tinha vim, aí nós vinhamos. (Gonçalo, 2020).

Muitos foram os momentos difíceis da viagem em meio a sorrisos e tristezas Gonçalo relembra alguns dos momentos que foram mais difíceis dessa jornada. A vista disso, ele conta:

Eu me lembro que nós passemos numa mata mais lá tinha pedra, o caminho bem estreitinho e aí minha mãe pisou no bico de uma pedra e aí adoeceu do pé aí noi... O papai ficava atrás mais ela e nós ia quando nós chegava lá nos lugar que nós se arranchava aí o meu irmão que era o mais véi, o Antônio, ele voltava com o jumento pra mamãe vim montada que não podia caminhar ligeiro aí eu me lembro daquilo daqueles paus tão cheiroso, daquelas sombras que nós passemos.

[...] Aí quando nós fomos atravessar o rio o jumento caiu dento da água e o meu irmão caiu na cachoeira afundou e o papai pulou lá dentro da cachoeira e pegou na perna dele não deixou morrer afogado, quase que ele morre dentro do rio Longá.

[...] Num tem um sinalzinho bem aqui oh (disse isso apontando para uma cicatriz no rosto) vou te contar, o tio Antônio Candido tinha um jumento véi que se chamava banquete que era o jumento da viagem num sabe, aí nós fumo pro açude dar água esses jumentos aí os meninos me montaram em riba do banquete, que o banquete só fazia caminhar, ele não chutiava aí quando nós fumo chegar lá na fazenda que era do vei Constantino que ele vendeu pra esse Raimundo Patita que eu falei indagora,

ele (Raimundo Patita) tinha umas moças, e aí tinha assim umas decidas assim pra descer pro açude, eu fui dá água o jumento aí, o banquete, na descida do açude chutou aí eu cai e taquei isso aqui em riba da pedra (apontou pra cicatriz no rosto) isso foi um corte e os meninos me levantaram e me levaram, mais eu ia derramando sangue, aí tinha umas moças, uma me pegou nos braços e segurou e a outra lavou com água de sal, botaram assim uma mucieira de sal dentro dum pano amarraram e moiavam e butavam em cima, em riba do sangue até conde parou. Eu cresci mas ficou o sinal, ainda tá o sinal aqui, isso aqui foi uma pedra de uma queda que eu levei do jumento, quase fura meu olho, se pega no olho tinha furado. (Gonçalo, 2020).

Para ajudar a mãe com o pé doente, o irmão mais velho, Antônio, ia deixar os meninos em um trecho do caminho, enquanto isso, o pai ficava esperando com a mãe doente. Após deixar os meninos adiante, seu irmão mais velho voltava com o animal para buscar a sua mãe. Em outra situação o entrevistado recorda do momento quando foram atravessar o rio Longá, o animal caiu na cachoeira e o irmão caiu junto e o pai pegou-o pela perna antes que se afogasse. Aponta para o rosto e mostra a cicatriz que carrega quando foi dar água para o jumento e que ao cair deu com o rosto em uma pedra que provocou um enorme corte.

De acordo com o entrevistado, quando o seu tio Antônio Candido foi embora do Ceará para o Piauí ele vendeu uma jumenta pro seu pai, foi sobre o lombo desse animal que a família seguiu viagem. Na recordação o entrevistado se impressiona quando diz:

Nóis chamava a jumentinha vea de marreca, essa jumenta veio aqui pro Maranhão, nois saímos do Ceará pro Piauí, e de lá a marreca veio morrer no Laguim, até os animal viajavo né, essa jumenta atrevesar do Ceará pra chegar aqui caminhando, a jumenta e o banquete do tio Antônio Candido e tinha outro jumento branco mais eu não me lembro do nome do outro jumento não, eu sei que o tio Antônio Candido tinha três jumento, o banquete e mais dois jumento e o papai tinha só a marreca. Aí nois trouxemos uma cabra, essa cabra era boa de leite, o Pedro vinha bem pequeno, ele ainda não caminhava não. (Gonçalo, 2020).

Durante a longa jornada a mãe trazia o filho menor ora no colo, ora no jumentinho. Com estes animais veio também uma cabra com seu filhote da qual usavam o leite para alimento.

Sobre o destino final da migração da família ele declara o seguinte:

Mais naquela época o povo Cearense e que viajaram na condução de matulão como o meu pai viajou, como nós viajemo, o sentido deles era pra região de Pedreiras, mais meu pai mais meu tio não tiveram esse sentido de ir pra Pedreiras. Pra essa região de Pedreiras, Coroatá, Caxias vinha muito cearense pra lá porque esses cearenses que vieram voltaram pro Ceará de novo, não se deram bem e nós quando nós chegemos no laguim (Laguinho) nós se demo muito bem e não deu mais de meu pai voltar porque o meu pai veio do Ceará desgostoso porque quando a época faz uma pessoa ir embora daquele lugar é porque ele tá sentindo qualquer uma coisa que ele não tá se dando bem aí ele procura outro lugar mais melhor pra ele viver, é o caso de meu pai. (Gonçalo, 2020).

Segundo Ferreira (2015, p.127) a partir da década de 1930 a cidade de Pedreiras serviu como destino para muitos migrantes que vinham se estabelecer nas terras maranhenses. O destino da família era o de chegar ao lugar a princípio apresentado a eles como Laguinho dos Brancos. Apesar de o destino de muitos migrantes fossem Pedreiras (FERREIRA, 2015) as duas famílias não tinham o intuito de ir a Pedreiras, mas no trajeto passaram por Itapirema, Timbira, Coroatá, Caxuxa, Bacabal até chegar ao povoado Laguinho dos Brancos onde atualmente é município de Bom Lugar. Assim o entrevistado declara:

Quando nós chegamos na região... Na cidade de Timbira, nesse tempo Timbira era uma coizinha véa, acho que não era nem cidade e quando nós chegamos lá nós trazia uma cachorrinha espertinha boa de cutia aí naquela época de frio ela entrou pra dentro de uma casa de forno pra dormir lá e lá quando nós viajemo se esquecemos de chamar a cachorrinha, o nome dela era capucho e aí nós vinhemos, quando nós tinha caminhado umas duas léguas aí os meninos disseram: ir, cadê a capucho? A capucho ficou, aí meu pai queria voltar pra ir atrás da capucho e a mamãe disse: Nel, tu vai se enpanhar?! Deixa essa cachorra pra lá que ela vai achar quem dar de comer pra ela, e lá a capucho ficou. Aí nós vinhemos até quando Deus deu bom tempo pra nós (risos), nós chegemo na cidade de Coroatá, nesse tempo Coroatá não era cidade, nós se arranchemo debaixo de umas mangueiras, nós passemos uns dias lá debaixo dessa mangueira.

[...] Nós muito abestadim não sabia... nunca tinha visto nada aí a linha do trem passava assim na porta... nos pé de manga onde nós tava, aí lá vinha o trem e nós corremo pra beira da linha mode oiá o trem, aí nós passemo assim por debaixo de um arame e o arame enganchou no ³oi de um irmão meu e ele ficou dependurado gritando, com o arame enganchado no oi, aí foi que o meu pai correu tirou ele, meu irmão ficou até com um sinal no oi onde o arame rapou, o cumpade Chico. Ele tem uma pintinha no oi ali foi o arame que passou, ele disparou uma dor de cabeça deu um tipo duma doença no bichim véi aí de lá pra cá quando nós vinha viajando a mamãe amarrava um paninho fino na cara dele, ele vinha encaretado que era mode o sol, aí quando o sol esquentava de mais nós chegava numas sombras aí papai tirava a carga do jumento cheio de menino dentro aí botava no chão ia fazer o frito e nós comia e seguia pra frente até quando chegemo no fim da viajada. (Gonçalo, 2020).

Depois de muitos meses viajando chegaram a Laguinho dos Brancos por volta do mês de novembro. Saíram do Ceará provavelmente no mês de fevereiro chegando ao Piauí entre os meses de maio e junho e chegaram ao Maranhão em Laguinho dos Brancos durante o mês novembro do mesmo ano. Fizeram esse longo trajeto a pé porque a família não tinha condição financeira para virem pagando passagem já que era muita gente. Ao todos eram dez pessoas da família de Gonçalo e seis da família de seu tio Antônio Candido, as famílias não possuíam recursos financeiros suficientes para as passagens já que precisariam de muito dinheiro para isso. A família de Gonçalo Gomes viajou provavelmente durante dez meses até chegar ao destino final, como segundo ele disse: “nessa vida de cigano”. Perdurando em alguns lugares

³ Olho.

e passando uns dias, enquanto arrumavam dinheiro para seguirem viagem até chegar a Bacabal.

Após atravessarem Bacabal, chegaram ao povoado na época conhecido como Capim Duro. Cansados, estabeleceram-se debaixo das mangueiras naquele lugar. Nas suas recordações sobre o momento ele diz o seguinte: “toda vez que eu ia pra Bacabal que eu chegava debaixo daqueles pés de manga eu me lembrava dos dias que nós se arranchemo lá”. E após atravessarem o rio a canoas: “Aí nós atrevessemo Bacabal, atrevessemo no rio, nesse tempo Bacabal era fraquim, num era hoje o que é o Bacabal, só era mato aí nós atrevessemo na canoa, viajemo um dia todim do Bacabal pro capim duro”. (Gonçalo, 2020).

Após as duas famílias repousarem embaixo das mangueiras que se localizavam a beira do caminho que seguiam, se informaram sobre a distância que ainda faltava para o povoado já que, na ocasião, enquanto estavam ali, passaram pessoas com destino a Laguinho dos Brancos:

Aí nós tava lá debaixo do pé de manga aí vinha um pessoal amontado aí encostaram lá onde nós, perguntaram da onde nós vinha aí meu pai dizendo que era do Ceará aquela luta, vinha do Ceará e disseram: vocês vão pra onde? - nós vamos pro Laguim dos Brancos, lá pro lugar que chama Laguim que é dum senhor de Constantino Lira. Aí esse pessoal disse assim: nós vamos passar, lá aí meu pai mandou meu irmão mais maiorzinho ir mais esse povo e lá no laguim arrumaram mais animal e foram buscar nós no outro dia de manhã. (Gonçalo, 2020).

Após chegarem, no povoado havia um morador conhecido como seu Ioiô, que se solidarizou com a família os acolhendo em sua casa durante algum tempo, além disso, cedeu também um pedaço de chão já roçado e queimado para o plantio do arroz e demais legumes. Assim ele relata:

Quando nós chegemo lá já estavam esperando nós. tinha comida, tinha casa pra nós se arrancar aí nós chegemo na casa desse moço que chamava seu Ioiô e ele cuidou de nós, ele passou com nós lá uns tempo, deu roça pro papai, roça queimada e nós ficamos na consideração de seu Ioiô como se ele fosse um parente nosso. (Gonçalo, 2020).

Entre as admirações das pessoas daquele lugar muitos os questionavam sobre o como eles tinham chegado ali: “Quando deu no outro dia de manhã era tanta da gente oiando pra nós procurando que nós tinha viajado muito, como era que nós tinha chegado lá só com aqueles jumentim véi” (Gonçalo, 2020). Quando chegaram era uma família muito humilde, com as mínimas condições possíveis apenas com as “roupinhas, os jumentos e as redes de dormir”, como declara o entrevistado.

4.3. O estabelecimento em Laguinho dos Brancos

Na época, de acordo com o entrevistado, no Centro Laguinho dos Brancos morava muita gente, lugar de fartura tanto de terra quanto na produção de alimentos como a mandioca, o feijão, o milho, o arroz e o coco babaçu. Desse modo, ele conta sobre quando reiniciaram suas vidas ali:

Ah, quando nós chegemo no Laguim, amiorou, foi bom, nós chegemo no Laguim tinha fartura, o papai foi criar porco, fazer roça pra apanhar muito arroz, terra boa apanhar muito arroz, aí nós se esquecemos daquele sofrimento do Ceará. (Gonçalo, 2020).

Ambiente favorável as plantações do arroz e dos demais produtos dos quais os mesmos já conheciam como o feijão e a mandioca, após chegarem e se estabelecerem, o pai começa a trabalhar no cultivo da roça com as plantações de arroz e outros alimentos. Numa terra regada com muitas águas, a família começa a esquecer um pouco daquelas dificuldades pelas quais haviam passado anteriormente ao ver a fartura da roça como resultado do seu trabalho diante de terras disponíveis para plantar e fazer boas colheitas. À medida que o tempo passa os filhos crescem e a vida começa a melhorar. Infelizmente, tempos depois dois dos seus irmãos contraíram sarampo chegando a falecer, Gonçalo conta que também chegou a contrair o sarampo, mas que desse ele também “escapou”.

Sete anos após chegarem, o pai, Manoel Gomes de Sousa, em 1960 contraiu uma grave tuberculose, chegando a falecer na época com 44 anos de idade. “Quando o meu pai morreu, nós ainda era pequeno, a mamãe ficou buchuda do Francisco”. Esse período foi outra época em que a família teve que enfrentar novamente muitas dificuldades. Segundo a sua narrativa, ele conta o seguinte:

Agora aí foi o nosso sofrimento, de lá pra cá pra nós chegar hoje na vida que nós tamo, fumo trabaiá, quebrar coco, lutar, trabaiá na roça, estudar Deus me defenda, nós não estudemo de jeito nenhum, porque naquela época não é como hoje que as escolas é em todo lugar, naquela época que era muito difícil não existia colégio principalmente pra aquelas... pra aqueles pessoal pobre, pra aqueles pai de famia que tinha muito fio, não estudare como nós, meus irmão num estudare nenhum. (Gonçalo, 2020).

Após a morte do pai eles passaram a auxiliar a mãe com as tarefas que antes era exercida pelo pai como o cultivo da roça e a plantação da mandioca e do feijão, além disso, se beneficiavam do coco babaçu como fonte de renda. Não tiveram a oportunidade de estudar porque segundo ele, na época, no povoado não havia escola, além do mais não havia disponibilidade de estudo para quem vinha de condições muito humildes, desse modo, nem

ele e nem seus irmãos frequentaram a escola. Após a morte do pai a mãe e os filhos ficaram responsáveis pelo cultivo das plantações. Dessa maneira, ele narra que:

Não tivemos liberdade de nada, nós num brinquemo, nossa luta foi trabaiá, o nosso tempo foi um tempo muito pesado pra nós, nós muito pobizim, nós não tinha nada, só a coragem de trabaiá, assim nós lutemos, cheguemos hoje aonde nós tamo, todo mundo casou, cada um tem sua famia, hoje nós já tamo dessa idade e achemo bom o Maranhão. (Gonçalo, 2020).

Assim, conta que ele e seus irmãos não tiveram a liberdade para brincar, não aproveitaram o tempo de ser criança, ainda pequenos tiveram que assumir uma função que era restrita apenas a pessoas adultas, muito cedo tiveram que se envolver com o trabalho braçal para poder manter o sustento diário do grupo familiar. Desse modo, não puderam vivenciar as alegrias e brincadeiras que uma criança vivencia durante sua infância. De acordo com a narrativa de Gonçalo, seu pai morreu em agosto de 1960. Pequenos, tiveram novamente que viver da ajuda de vizinhos e amigos em um lugar que tinham apenas a família de seu Antônio Candido, a que viera com eles, como parentes.

Além do fato de ainda serem muitos novos, quando o seu pai faleceu sua mãe ficou grávida do décimo segundo filho. Após o nascimento do filho, a sua mãe Maria Isaltina, adoeceu ficando sem poder caminhar por aproximadamente um ano e meio. Sua irmã mais velha, Maria Neuza, ficou responsável pelos cuidados da mãe e enquanto isso os outros filhos trabalhavam na roça e na quebra do coco babaçu.

Assim ele relata ao falar desse momento:

Eu não gosto de pedir, porque naquela época eu pedi muito nas casas pedindo arroz, pedindo feijão, ela mandava, oh, vão pedir mode eu fazer o de comer de vocês aí eu ia pedir, eu ia pedir naquela... Naqueles pessoal que tinha mais as coisas, mas era morrendo de vergonha que eu ia pedir, mais eu ia pedir. (Gonçalo, 2020).

A família teve que enfrentar outro momento difícil com a morte do pai, ainda muito novos e com a mãe doente viram-se obrigados a viver de ajudar da população novamente. Com a mãe doente, os irmãos mais velhos trabalhavam no cultivo da roça e recebiam ajuda dos amigos Pedonica, João Preto Velho, Toinho, entre outros moradores do lugar. Além disso, os irmãos mais novos viam-se obrigados a pedir alimentos no povoado para sobreviverem, por isso o entrevistado diz que não gosta de pedir pelo fato de ter vivenciado muito isso durante sua infância.

Após a recuperação da mãe ela começou a trabalhar na roça com os filhos, aos poucos. Sobre essa situação ele diz que:

Um dia, ela veio deixar o almoço pra nós lá na roça, feijãozinho misturado com banana e aí ela foi trabalhá mais nós, quando foi de tardinha ela começou a chorar, chorou, chorou aí eu disse mamãe o que que você tem e ela disse: - “nada, é porque eu estou sofrendo muito”, aí eu disse pra ela assim: mamãe, quando eu tiver rapaz você nunca mais vai trabalhá na roça, aí ela disse pra mim, ela disse assim: -“meu fio isso é verdade”, eu digo é. Aí eu cheguei a 18 anos e aí ela ainda ia deixar comida pra nós na roça aí quando eu cheguei, que eu interei vinte anos em diante que eu já era homem, eu disse pra ela: mamãe de hoje em diante você só vai pra roça se você quiser, mas trabalhá, não. (Gonçalo, 2020).

Ao ver o sofrimento da mãe, diante da luta que a família vivia naquele momento, sentiu o desejo de não permitir que a mesma exercesse as funções do trabalho braçal. Ele relata que:

Eu quebrei muito coco, naquela época de 60 que meu pai morreu até chegar 70, aqueles 10 anos, foi 10 anos eu quebrando coco todo dia nós ia quebrar coco, até quando eu apulumei meus irmãos pra todo mundo ir trabalhá junto assim como se eu fosse um pai de família, como se eu fosse o pai deles como em consideração ainda hoje eles me consideram como aquele pai foi eu. (Gonçalo, 2020).

Depois que seus irmãos crescerem e se casaram ele ainda permaneceu com sua mãe, pois como disse, era apegado de mais com ela. Com a responsabilidade de cuidar da família do pai, foi privado de seguir durante muito tempo a sua própria vontade, não podia deixar a mãe e os irmãos, precisava ajudá-los. Após os irmãos arrumarem suas famílias ele não queria deixar a sua mãe só, até que um dia a mesma o chamou e disse que ele devia se casar. Com o consentimento da mãe somente aos 36 anos ele resolveu buscar sua independência pessoal casar-se e construir sua própria família. “Quando eu me casei eu tava com 36 anos, daquela época de 15 anos até 36 eu era um pai de família da família de meu pai”. Sobre esse período ele declara:

Aí os meninos casaram tudim, eu fiquei só, eu tinha pena de deixar a mamãe de eu sair e ela passar fome, eu tinha pena e aí um dia ela me chamou, meu fio se case que eu tou perto de morrer e eu não quero que você vá morar mais irmão seu. Mas eu não tinha ideia de me casar não, já tava com 36 anos. Eu não era o mais velho, mais eu era o mais entendido, eu era o mais que a mamãe acreditava e aí jogaram a carga pra mim e eu seguir aquele destino de criar a família de meu pai. Porque naquele tempo como hoje chama adolescência eu não tive, eu toda vida fui um pai de família porque naquela época eu era o pai de família eu não tive liberdade, eu tive muita vontade de trabalhá assim pra eu arrumar as coisas mas devido eu ser um menino privado com a família de meu pai eu num aprendi nada, tinha uns meninos rapaizim meus amigos que se empregaram numa firma lá fazeno uma estrada, todo mundo aprendeu fazer as coisas e eu não aprendi nada porque eu num podia deixar minha mãe com meus irmãos mode eu seguir outro destino. Eu era muito apegado com minha mãe e com meus irmãos. (Gonçalo, 2020).

Depois de ajudar a criar seus irmãos, Gonçalo foi viver sua própria vida, seguindo seu destino pessoal ao lado de sua esposa. Casou-se aos 36 anos de idade com Maria de Jesus moradora do povoado Laginho dos Brancos e descendente de migrante Piauiense. Assim,

conforme o mesmo, após seus trinta e seis anos de idade foi ser outro pai de família, mas dessa vez da sua própria como declara abaixo:

E aí de meus 36 anos pra cá quando eu me casei eu fui ser outro pai, não era mais de meus irmãos, era de meus fio como ainda hoje eu sou, graças a Deus eu sou muito satisfeito já com meus 73 anos. (Gonçalo, 2020).

Gonçalo rememora ao dizer que se o pai fosse vivo eles teriam condições suficientes para ter comprado um pedaço de terra naquele lugar. Quando eles chegaram ao povoado, a terra daquela região, segundo ele, era liberta, fazia-se casa e roça aonde se desejava. Desde que chegaram lá, fazia-se a roça mato adentro e plantavam a mandioca e o arroz sem ter que pagar renda da terra. Porém com a intensificação de grilagem de terra na dita região, tais terras foram demarcadas, divididas e vendidas. Desse modo, os moradores e trabalhadores que não adquiriram posses de terras passaram a trabalhar nos terrenos dos novos proprietários fazendo suas roças e plantações de mandioca. A partir desse momento cada roça que faziam tinha que pagar a renda aos novos donos das terras.

A esse respeito ele relata que:

Aqueles pessoal que tinha mais condição compraram aquelas propriedadezinha e aqueles que não tinha condição de nada ficou na solidão como vive hoje sem nada, mas naquela época se o papai fosse vivo nós tinha nossa moradia lá sem precisar nós sair de lá não, porque só quem saiu de lá foi eu os outros moram lá como tu sabe, mas eu não tinha saído de lá não, mas nós não tinha com que comprar um pedaço lá também naquela época, aí foi na época que nós tava muito mal, muito pobre. (Gonçalo, 2020).

Nesta época a família de Gonçalo não dispunha de posses suficientes para comprar um pedaço da terra para poderem trabalhar livremente, o entrevistado relata que se o pai tivesse vivo, durante essa época, teriam como ter comprado hectares das terras que foram demarcadas e que ficaram disponíveis para a venda, pois como o mesmo disse: “papai era homem trabaiador”. Ferreira (2016) descreve que, “Finda o tempo da terra sem dono e inicia o tempo da grilagem e da expropriação de inúmeros trabalhadores rurais”. (FERREIRA, 2016, p. 85).

4.4. A vinda ao povoado Igarapé de Pedra

Enquanto morava na comunidade Lagunho dos Brancos, as atividades exercidas pelos moradores locais eram o cultivo da terra, ⁴juquirá e criação de animais como porcos, gados, ovelhas e galinhas. O entrevistado relata que naquela época ele e seus irmãos trabalhavam ali naquele lugar com o cultivo da roça, plantação da mandioca e criação de porcos. As roças

⁴ Atividade que consiste no roço da vegetação.

feitas eram arrendadas e após a colheita tiravam a renda para dono da terra e o que restava ficavam para si, como plantavam muitas linhas de roça colhiam muito arroz. O entrevistado narra que a partir do ano de 1977 os donos das terras em que ele e seus irmãos trabalhavam não quiseram mais conceder as terras para poderem fazer as roças, foi nessa época que recebeu o convite de um amigo para virem trabalhar no povoado conhecido como Cimauma, lugar próximo a Igarapé de Pedra, atualmente município de São Mateus-Ma e que onde hoje reside.

Assim ele relata:

Em setenta e seis eu fiz uma roça lá (Laguinho dos Brancos) aí deu muito arroz aí desse tempo pra cá me escoraçaram, não era mais pra mim fazer roça lá. Aí tinha um amigo meu que morava em Bacabal e me convidou pra mim vim pra cá, aqui pro Garapé de Pedra (Igarapé de Pedra) vim fazer uma roça, essa época foi em 77 pra 78, eu fiz lá na Cimauma essa roça, e aí eu achei muito ruim lá que tinha muita lama, muita muriçoca e mutuca aí eu vim aqui pro Garapé de Pedra. A primeira roça que eu fiz aqui no garapé de pedra foi em setenta e oito pra setenta e nove e fiquei trabaiano por aqui arrumando minhas cozinhas e aí hoje eu tenho minha moradiuzinha aqui e tou aqui criei vocês aqui. (Gonçalo, 2020).

Do Centro Cimauma veio trabalhar em Igarapé de Pedra com arrendamento de terra numa fazenda na época chamada Fazenda Vitória. De acordo com a narrativa do entrevistado, a terra em que veio trabalhar como arrendatário, pertencia a um proprietário de terra conhecido como doutor Paulo. Era uma gleba, na época, com muitos hectares de terras. Este dono da terra arrendava partes da mesma aos trabalhadores rurais para a produção de arroz.

Desse modo ele conta:

Era do doutor Paulo, uma fazenda muito grande era num sei quantas mil hectares, aí eu fiquei fazendo roça aqui. Quando eu queimava a roça eles vinham e media as linhas e quando eu panhava o arroz que eu batia eu trazia todim pra cá pro barraco que eu me arranchava e eles vinham buscar a renda dentro do barraco que nós trabaiva, que nós se arranchava. (Gonçalo, 2020).

Por ser uma área extensa de terras, o gerente que era responsável pelo cuidado da terra vinha e media as linhas de roças para os trabalhadores. Após a colheita, o arroz era batido, separado, ensacado e trago para a margem da estrada aonde o carro do dono vinha buscar. A renda para o dono da terra era de trinta por cento de todo o arroz colhido, o restante do arroz pertencia ao trabalhador. Naquela época a colheita do arroz era grande, como o mesmo declara:

Eu botava quinze linhas, dezessete linha, dezoito. Teve um ano que eu apanhei cinco carrada de arroz, uma carrada de arroz são seis mil quilos... doze... Vinte e quatro... chöver... seis mil quilos, doze mil quilos era duas carradas doze e seis dezoito né,

dezoito mil quilo de arroz eu apanhei num ano. Eu trazia os meninos lá do laguim pra trabaia aqui mais eu. (Gonçalo, 2020)

O entrevistado narra que quando veio ao povoado Igarapé de Pedra havia uma linha do fio telégrafo que passava pelo povoado, em ambos os lados da linha pertencia aos proprietários de terra, ficando somente debaixo da linha do telegrafo espaços de terras não ocupados e era nesses locais que os posseiros faziam seus barracos como segundo ele afirma:

Quando eu vim, eu fazia meus barracos debaixo do fio, que debaixo do fio era liberto, não era de dono, e os donos não deixavam fazer do lado deles, aí eu fazia na beira da estrada debaixo do fio, entre o fio e o limite da cerca dos proprietários, aí eu fazia meus barracos, eu ainda fiz dois barracos, quando um ficava ruim eu desmanchava e ficava no outro. Os donos das fazendas se fizessem dos lados da propriedade deles eles botavam fogo nos barracos. O fio tinha um vigia, ele viajava de São Mateus à Trizidela todo tempo por debaixo do fio, quando era pra desmatar eles empeleitavam para os pessoal limpar que era o caminho do vigia vigiar o fio. (Gonçalo, 2020).

Trabalhou como arrendado nesta fazenda de 1978 á 1984, até que em certa ocasião, o gerente, o qual era o responsável pela propriedade da terra o chamou para uma conversa:

O gerente era o Vanderlei, aí um dia ele mandou me chamar e eu fui até pensando que ele não ia me dar mais roça, me despachar que não ia mais me dar roça aí eu cheguei lá a boca da noite, aí ele disse assim: Custódio rapaz, eu mandei te chamar é porque de poucos anos que tu fez tuas roças aqui no Igarapé de Pedra tu já deu mais renda de que aqueles pessoal que mora muitos anos e aí a terra vai partida, vão lotear. O INCRA vai tomar conta da sobra da terra da fazenda aí tirou a parte da terra da fazenda.

[...] Aí aquelas sobras que eles viviam com ela adulterada eles dividiram pra nós, pra nós que trabaia dentro aí eu arranjei esse lugar esse pedacinho de chão pra eu morar. (Gonçalo, 2020)

Foi a partir do INCRA (Instituto Nacional de Reforma Agrária) que foram assentados trabalhadores roceiros que exerciam suas atividades na propriedade. A terra da fazenda foi dividida em partes e nessa época, sendo um dos trabalhadores do local, Gonçalo foi um dos beneficiados. Todos os trabalhadores receberam certa quantidade de hectares para trabalhar e morar, além destes, outras pessoas também podia fazer o cadastramento para conseguirem as quantidades de hectares já determinadas pelo INCRA.

Em sua narrativa Gonçalo conta que quando veio trabalhar no povoado Igarapé de Pedra construía sua casa embaixo da linha do telégrafo que passava pela região, desse modo, apresento na imagem abaixo parte de um poste de ferro pertencente da linha do telégrafo retirado de dentro do chão durante a época da construção da estrada que liga a comunidade Igarapé de Pedra a cidade de São Mateus.



Foto de um poste de ferro
FOTO: Sousa, 2021.

Gonçalo sempre teve vontade de ter um lugar próprio para morar e trabalhar. Trabalhador, já se desdobrou em vários serviços. Além do cultivo da roça, experimentou outras atividades numa das quais foi vender sabão. Assim ele narra sobre esse período:

Eu fui vender sabão, rapaz se eu não tivesse ido pro junco ainda hoje eu vendia sabão, eu tava era com um carro vendendo sabão, mas devido eu não saber ler minha filha, que isso é uma porra, deu num saber ler mode eu tomar nota das minhas coisas, a vista deu num saber ler... é por isso que eu fiz tudo pra vocês aprender porque eu achei tanta oportunidade deu amiorar minha situação mas devido eu não saber ler eu não sabia de nada aí passei pelo meu tempo. (Gonçalo, 2020).

Para o entrevistado a falta de leitura foi um dos principais motivos para o mesmo perder a oportunidade de alcançar uma vida fora da roça, pois devido não saber ler não sabia administrar os negócios da venda de sabão, em outro trecho ele declara o seguinte:

Eu tava com o dinheiro que eu comprei esse lote depositado no banco do nordeste aí eu tinha um amigo que morava ali no Alto Alegre adiante da Vila Nova aí eu cheguei lá bem cedo, ele disse: -“Custódio eu quero fazer um negocio contigo”, eu digo o que é Zé? O nome dele era Zé, ele disse: -“eu quero mudar meu comércio lá pro Alto Alegre e te vendo esse ponto aqui, eu te dou o ponto que está com a mercadoria por mil e oitocentos”. - oh! quando ele disse isso, eu digo oh! Disgrotá, eu não sabia de nada, aí eu imaginava, oh coisa ruim é não saber ler, eu já tava casado mais aí a Maria também não sabia, ela sabe escrever os nomes, mas não sabia fazer conta pra movimentar o comércio. Aí eu perdi essa oportunidade porque se eu soubesse eu tinha comprado aquele ponto, hoje eu era um homem rico ali como o Nelson. O Nelson vendia saco de arroz lá na feira e hoje oh como num tá a situação do Nelson. E aí com esse três mil que eu tinha que eu pensei em comprar o comercio eu comprei esse lote aqui, está empregado aqui. Aqui eu trabaiei muito, lutei muito e ainda vou trabaiaí, lá (trabalhando no comércio) eu tinha ganhado mais fácil. (Gonçalo, 2020).

Por não possuir conhecimentos suficientes para administrar as vendas junto com a esposa em um comércio, Gonçalo desiste do negócio e compra um segundo lote apegado ao

que onde foi assentado. Ele ver que no trabalho com o comércio teria conquistado seus bens pessoais com menos sacrifícios, e acredita que se soubesse ler hoje seria um homem com uma estrutura financeira melhor. O trabalho manual com a terra é árduo e exige maior esforço, o que conquistou até hoje como declara, foi através de muito sacrifício. Assim, nas palavras de Ferreira (2016, p. 86) “É a partir de um cotidiano duro nos mundos do trabalho e na vida privada que homens e mulheres fixados no Médio Mearim tornam viável sua sobrevivência.”

4.5. Representação de identidade na vida do migrante analisado

Um ponto importante também a ser discutido a respeito do movimento migratório é sobre a questão da representação de identidade dos próprios migrantes como aponta De Lima Junior (2013, p. 213):

Quando falamos em migrações, também somos chamados a discutir questões de identidade, pois ao migrar um indivíduo deixa a sua terra natal, costumes, crenças etc. e passa a viver em um lugar que muitas vezes é diferente do “grupo” em que vivia, sentindo-se desta forma deslocado até se adaptar ao novo espaço que agora esta inserido. (DE LIMA JUNIOR, 2013 p.213).

Conforme citado acima, o autor faz um questionamento sobre as possíveis mudanças de valores que podem ocorrer na vida do migrante ao se estabelecer no novo território em relação os seus valores pessoais e sociais que foram incorporados no seu lugar de origem.

Sangalli (2018) também destaca a questão de pertencimento que cada indivíduo que migra de um espaço para o outro traz consigo. Cada indivíduo carrega consigo as representações culturais, étnicas e morais do lugar de onde vêm, representações que são constituídas a partir de seus laços familiares ou parentais. Ao se estabelecerem em outros espaços estes entram em contato com novas culturas diferentes da sua, são espaços que lhe impõem novos hábitos e modos de viver. Dai a importância de conhecer, diante dos cruzamentos culturais vivenciados por eles, a questão do lugar a qual se sentem pertencentes.

Rocha (2010, p. 240) diz que “As identidades são construídas historicamente pelos sujeitos na relação com a alteridade”. Compreendemos que todos os indivíduos carregam consigo seus costumes e valores particulares, pois cada pessoa é criada sob a visão e costumes dos grupos de onde nasceram e foram criados, tais como, valores políticos, familiar, religiosos, étnicos dentre outros. São, portanto, pontos culturais distintos entre grupos e indivíduos, aquilo que podemos chamar de pluralidade cultural entre grupos sociais.

Diante de tais movimentos sociais exercido pelos migrantes, eles subjetivamente, acabam passando por certas modificações em contato com os novos espaços que se estabelecem, sejam no modo de pensar e agir no que diz respeito aos valores que exercem já que o migrante, em contato com o novo lugar, precisa adequar-se aos novos ambientes em relação ao modo de falar, a comida, maneira de se vestir, as regras sociais, dentre outros modos de agir em seu cotidiano.

A partir dessas mudanças e transformações o migrante passa a conviver com uma mistura de valores como também afirma Rocha (2010, p. 241) “De consequência, o migrante è levado a interagir e, não raramente, a assumir, muitas vezes, de forma inconsciente, a maneira de pensar do novo contexto sociocultural”. Mas, ainda segundo Rocha, Isso não significa que o migrante esquecerá completamente seus valores primários. Assim, conforme Lima (2008, p. 79), “As identidades estão intimamente relacionadas com o significado das experiências das pessoas. É um processo em construção de significados que têm como base a cultura e as ações de sociabilidade”.

Ao falar sobre seu lugar de origem e em relação ao interesse de algum dia retornar para lá, o entrevistado declara que: “eu tenho vontade ainda de ir lá pra visitar mais pra eu ir embora não”. Ele diz que visitou o Ceará duas vezes, na última vez em que foi lá, os seus tios, irmãos de sua mãe que permaneceram lá disseram que havia uma casa para sua mãe caso eles quisessem voltar ao Ceará novamente, diante disso, ao declarar a mãe sobre o que seus irmãos disseram, a resposta da mãe segundo a narrativa de Gonçalo foi a seguinte:

Ele disse (o tio) “tá aqui a casa da sua mãe. Meu filho, quando você chegar lá você diga pra sua mãe que é pra ela vim, pra ela vim pra cá, vim simhora”, aí eu digo tá bom. Aí quando eu cheguei, eu disse: mamãe, lá tem três casas pra você o Raimundo Brusega tem uma, o tio Pedro Gomes tem outra casa, e o padrim Pedro Candido tem outra casa pra você, aí se você ir aí você é quem vai escolher qual é das casas que você quer ir morar . Aí ela disse: -“eu não vou nem a passeio lá não”. Eu pelejava pra mamãe ir mais eu pro Ceará – vamos mamãe e ela “não, não vou não”, eu acho que ela ficou traumatizada do Ceará daquela viagem, um mundo daquele pra chegar aqui no maranhão, eu acho que ela ficou traumatizada, foi sofrimento de mais menina, eu pelejava mamãe vamos lá, vamos no Ceará aí ela “vamos não”. Morreu e não foi, e já pro Goiás ela foi lá pra casa da cumade Maria Neuza, mais pro Ceará ela não foi não. (Gonçalo, 2020).

Mesmo os parentes acolhendo-os no Ceará caso quisessem voltar, os tios e irmãos de sua mãe, a mesma não quis ir. Desse modo, o entrevistado associa a rejeição da mãe em retornar novamente ao Ceará ou até mesmo visitar sua cidade natal ao trauma que talvez ela tenha guardado da saída do Ceará e da vinda nas condições que tiveram que se deslocar ao Maranhão. Quanto a Gonçalo, visitar o Ceará sim, como o mesmo já chegou a ir duas vezes

visitar os parentes que ainda lhe restam lá, mas para voltar a morar novamente, isso ele declara que não. Também a esse respeito Gonçalo lembra e reproduz uma das falas de seu irmão mais velho quando ele uma vez disse: “se o Ceará fosse bom ele não tinha escorraçado o meu pai de lá”. A partir disso, entende-se que as imagens das lembranças referentes ao Ceará trás recordações dolorosas em que ambos associam ao estado como o possível culpado pelas dificuldades vivenciadas pela família, porém, entendemos que tal situação são consequências da exclusão social vivenciada por muitos indivíduos em todo o território nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os fatores que provocam os deslocamentos internos em todas as regiões do Brasil, tal fenômeno assume relevância quando o mesmo se torna um assunto a ser debatido em relação aos movimentos sociais realizados pelos próprios sujeitos em sociedade. Desse modo, a migração para muitos indivíduos serve como escape para o alcance de uma situação de vida com mais qualidade e dignidade.

Explorar tais experiências migratórias é fundamental para o conhecimento das raízes que motivam tais deslocamentos entre os sujeitos sociais. Na perspectiva migratória, a grande maioria dos deslocamentos é gerada pela busca de melhores condições de vida, um desses principais motivos, são causados pela exclusão social vivenciados pelos indivíduos em sociedade que não dispõem de recursos financeiros suficientes em seus locais de origem para manterem-se.

Desse modo, apresentei neste trabalho, focando os princípios da exclusão social, o livro a Sociologia de um Gênio por Norbert Elias, o qual aborda a conjuntura de vida do músico Mozart que pertencia a uma classe dos menos favorecidos dentro da estrutura social vigente da época, assim em busca de sua realização pessoal o mesmo esforçou-se bravamente contra os nobres que exerciam o poder social para alcançar sua ascensão social. Portanto, um burguês outsider em meio aos estabelecidos, ou seja, a concentração de renda por parte de uns e nenhuma renda por parte de outros. No contexto social procuro apresentar tais migrantes que se esforçam encorajadamente assim como Mozart em busca do alcance de sua dignidade na sociedade com poucas oportunidades de moradia, segurança, trabalho, etc.

Diante disso, no Médio Mearim maranhense a partir da metade do século XX muitos indivíduos de outros estados do Brasil fixaram moradia na dita região, muitos deles vindo da região semiárida do próprio Nordeste. Condições climáticas e econômicas são as propulsoras desses deslocamentos por partes desses indivíduos. A partir de uma terra abundante recorrente de solos úmidos tais migrantes encontram espaços para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas. De acordo com Ferreira (2019) é a partir da década de 1930 que há uma intensificação do fluxo migratório na região. Tais migrantes fugiam das secas em suas regiões de origem e das baixas oportunidades de trabalho, os mesmos encontram nas terras maranhenses espaço e oportunidade no trabalho com a terra para construir suas vidas.

Assim, a partir do seu contato manual com a terra tais sujeitos modificam a estruturação do território e contribuem socialmente e culturalmente em muito do que o estado maranhense representa atualmente. É importante salientar dentro deste assunto as problemáticas que envolvem a questão agrária entre trabalhadores camponeses, latifundiários e grileiros no estado em questão. A história maranhense carrega em seu contexto grandes conflitos por acesso a terra desde agressões físicas até assassinatos.

Assim, através da pesquisa em questão, podemos compreender mais profundamente a partir da trajetória de vida de sujeitos sociais migrantes no Médio Mearim pontos específicos sobre esses deslocamentos internos ao analisar os percalços da trajetória de vida de um migrante da região Nordeste do Brasil, focando nas suas experiências de vida como trabalhador do campo que buscou através do trabalho manual com a terra na região maranhense lugar para morar e segurança para manter sua sobrevivência. Com o recurso da história oral foi possível a realização dessa análise já que a história oral nos permite conhecer as experiências dos próprios sujeitos de uma forma mais profunda.

A oralidade permite ao pesquisador conhecer o sujeito em si, suas perspectivas e visões que tem a respeito do mundo em que vive. São testemunhos que nos proporcionam um rico conhecimento de agentes que participam da vida em sociedade, portanto o trabalho com a história oral permite ao pesquisador aproximação a história de pessoas de maneira individual como também em grupos. Tal fonte como declara Freitas (2016) privilegia não somente os acontecimentos que marcaram a sociedade como no caso dos episódios importantes realizados por grandes homens tidos como heróis, mas que também é capaz de dar voz a sujeitos esquecidos, homens que nem sempre são lembrados. Desse modo, a realização do trabalho com fontes orais com tais sujeitos sociais permite o compartilhamento dessas experiências vivenciadas por eles. Assim sendo, dentro do trabalho autobiográfico a história oral é de cunho valioso.

Além de proporcionar o conhecimento da história, as biografias de vida são fontes de conhecimento humano, tais histórias individuais são únicas e carregadas de valores. Conhecê-las individualmente é alcançar conhecimentos em relação ao contexto de formação social e cultural da região maranhense. A exposição desses conhecimentos trás a tona valorização a muitos indivíduos que por vezes são esquecidos, mas que fazem parte de acontecimentos importantes dentro da história local do Médio Mearim maranhense e, neste caso, sobre os grupos de trabalhadores camponeses nordestinos.

Portanto, os relatos orais de vida destes personagens que compõem a vasta cultura maranhense não são desinteressantes, são narrações particulares que fascinam e nos fazem enxergar as características de grupos coletivos presentes nesta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., e FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.
- BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do babaçu: Gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão**. 2013.
- BAENINGER, Rosana et al. **Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil**. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 2012.
- BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 71, p. 41-79, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. TA, 1979
- BRANDÃO, Ana Maria. **Entre a vida vivida e a vida contada: a história de vida como material primário de investigação sociológica**. 2007.
- DA ROCHA, Ir Ana Paula F. et al. **Identidade e migração**. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. v. 18, n. 34, 2010.
- DA SILVA, José Jonas Borges. **MIGRANTES DA TERRA: a migração em áreas de reforma agrária no Maranhão**. Revista de Políticas Públicas, p. 253-259, 2016.
- DA SILVA, Maria Ozanira et al. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira**. Revista Katálysis, v. 13, n. 2, p. 155-163, 2010.
- DE LIMA JUNIOR, Nelson. **Estudos Migratórios: As fontes orais e a busca de uma Epistemologia histórica**. Revista Trilhas da História, v. 2, n. 4, p. 109-218, 2013.
- DE FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. Editora Humanitas, 2006.
- DE NYS, Erwin; ENGLE, Nathan L.; MAGALHÃES, Antonio Rocha. **Secas no Brasil**.
- DOS SANTOS, Maria José; DA SILVA, Bernardo Barbosa; DE OLIVEIRA, Edinete Maria. **Analogia entre desmatamento e êxodo rural no nordeste do Brasil**. Qualitas Revista Eletrônica, v. 8, n. 1, 2009.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio, do original Mozart, Zur Soziologie eines Genies**. Organizado por Michael Schroter. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 150 p.
- FERREIRA, MARCIA MILENA GALDEZ. **A invenção do eldorado maranhense em narrativas de migrantes nordestinos (1930-1970): aportes teóricos metodológicos**. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 13, n. 21, p. 84-107, 2016.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **Construção do eldorado Maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-Ma (1930-1970)**. 2015.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **RUMO AO MARANHÃO: TEIAS MIGRATÓRIAS E MEMÓRIA DIVIDIDA**. *Tempos Históricos*, v. 23, n. 2, p. 342-374.

FERREIRA, Antonio José de Araujo. **Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GODINHO, Isabel Cavalcante. **Pobreza e desigualdade social no Brasil: um desafio para as Políticas Sociais**. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), 2011.

KLEIN, Maria Regina; MASSUQUETTI, Angélica; SPRICIGO, Gisele. **Migrações internas: um estudo do município de Novo Hamburgo (RS)**. *Ensaio FEE*, v. 33, n. 2, 2012.

LECHNER, Elsa; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Migrações, pesquisa biográfica e (auto) biográfica: apresentação**. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, v. 3, n. 7, p. 14-20, 2018.

LECHNER, Elsa. **Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: Contributo para análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 85, p. 43-64, 2009.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. **Memória de velhos: Sobre terras e gentes**. Rio Branco (AC): Boni, 2008.

LIMA NETO, Evaristo José de et al. **O associativismo em áreas de babaçuais: a experiência das organizações de trabalhadores rurais do Município de Lago do Junco-Ma associadas à ASSEMA**. 2007.

MALUF, RSJ. **A expansão do capitalismo no campo: o arroz no Maranhão**. 1977. 142 f. 1977. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Economia)–Instituto de Economia, Unicamp, Campinas.

MOTTA, Marly Silva da. **O relato biográfico como fonte para a história**. 2000.

MOURA, Lucas Cardoso de et al. **Vindos de longe: Uma abordagem sobre experiências de nordestinos que migraram para Ituiutaba/MG-Décadas de 1950 a 1970**. 2019.

PEREIRA, Anaíza Garcia; TUMA FILHO, Fadel David Antonio. **O Fenômeno Migratório Brasileiro No Contexto Capitalista**. *Informe GEPEC*, v. 15, n. 3, p. 279-287.

PINSKY, Carla Bassanezi et al. editoracontexto. São Paulo, v. 24, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

ROSENTHAL, Gabriele. **História de vida vivenciada e história de vida narrada**. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v.14, n. 2, p. 227- 249, 2014.

ROCHA, Rosimary Gomes. **O Processo de ocupação do Sul do Maranhão: Dinamismo econômico e des(re)ordenamento territorial.** InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, p. 5-26, 2015.

SANGALLI, Lucas Cé. **A construção social do espaço para si: pertencimento na biografia de um migrante.** Mosaico, v. 9, n. 14, p.338-358, 2018.

SODRE, Ronaldo Barros. **O Maranhão agrário: dinâmicas e conflitos territoriais.** 2017. Tese de Doutorado. UEMA.

TEIXEIRA, Paulo Eduardo; DA COSTA BRAGA, Antônio Mendes; BAENINGER, Rosana (Ed.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras.** Oficina Universitária, 2012.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense.** São Luís: IMESC, 2008.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; DOS REIS, Luciana Araújo. **Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas.** Revista Kairós: Gerontologia, v. 18, n. 2, p. 265-281, 2015.

ENTREVISTA

SOUSA, Gonçalo Gomes de. Igarapé de Pedra, São Mateus. Relato oral [Entrevista concedida a] Ângela Maria Sousa. Entrevista realizada em outubro de 2020.

SITE CONSULTADO

Mapa da Região Nordeste do Brasil. Disponível em: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2008/10/regiao-nordeste.jpg>. Acesso em: 26 de junho de 2021.